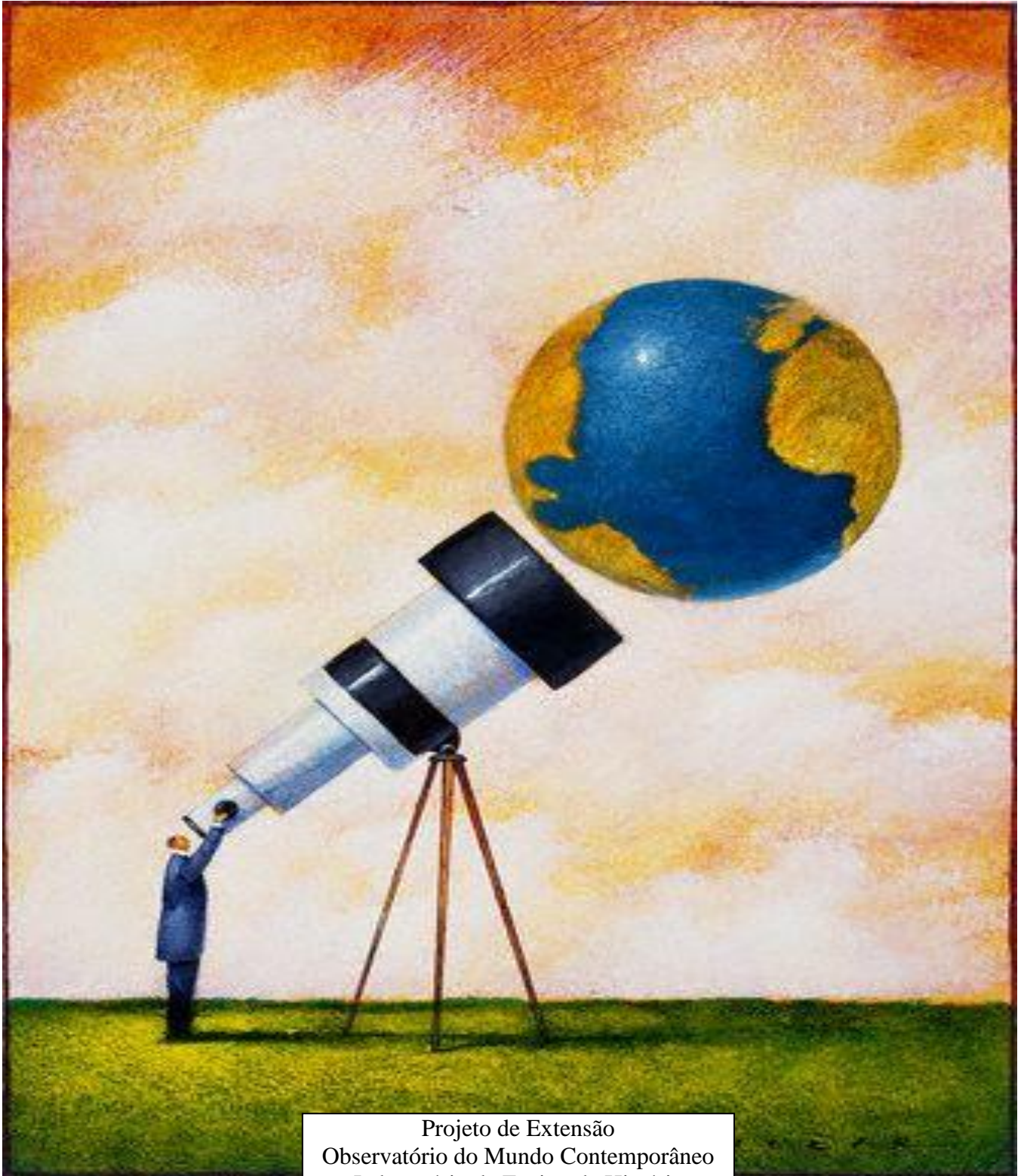


# Cadernos do Observatório. v.4



Projeto de Extensão  
Observatório do Mundo Contemporâneo  
Laboratório de Ensino de História  
UNIOESTE

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR, Brasil)

Cadernos do Observatório / UNIOESTE. Universidade do Oeste do Paraná.  
Campus de Marechal Cândido Rondon. Laboratório de Ensino de História. n.  
(2010). Marechal Cândido Rondon: 2010 – v4.

Anual  
ISSN

1. História Imediata – Textos Didáticos. 2. Mídia – Textos Didáticos. 3. Educação –  
Textos Didáticos. I. UNIOESTE. Campus de Marechal Cândido Rondon.  
Laboratório de Ensino de História.

905

CDD 21. ed

CIP-NBR 12899

Ficha Catalográfica elaborada por Helena Soterio Bejio CRB-9/965

### *Organização*

Equipe do Observatório do Mundo Contemporâneo

### *Estagiários*

Fabíola Waiss Farherr  
Marcos da Silva de Oliveira

### *Coordenação*

Aparecida Darc de Souza

## SUMÁRIO

Sobre o Projeto .....	5
Oscar ao Terror .....	7
Como o agressor se torna a “Vítima”.....	7
A Guerra do Iraque: uma questão de interesse .....	9
Guerra ao Terror – Defesa aos Iraquianos? .....	11
O cinema de guerra e seu compromisso político.....	13
Referências Bibliográficas .....	15
Industrialização Recente no Oeste do Paraná .....	16
Juventude e trabalho industrial no Oeste paranaense: o futuro que não se realiza .....	16
Frigoríficos e trabalhadores: vivência e limites da industrialização recente .....	19
Trabalho Informal nas Confeccões no Oeste do Paraná .....	21
A Face Oculta da Industrialização em Marechal Cândido Rondon/PR .....	23
Referências Bibliográficas .....	25
Respeitável Público, no Palco a Copa de 2010 .....	26
Poder, Mídia e Futebol.....	26
E agora que a Copa não é mais nossa?.....	30
A Copa na África do Sul.....	32
Futebol Contemporâneo, uma Indústria do Espetáculo.....	34
Referências Bibliográficas.....	37

Eleições 2010.....	38
Lineamentos sobre o contexto que envolve o atual pleito à Presidência da República.....	38
Reflexões sobre algumas propostas eleitorais.....	42
O uso da internet na campanha eleitoral de 2010.....	45
Eleições 2010: Nada de Novo no Front.....	47
Referências Bibliográficas.....	50
<b>Greves na Europa.....</b>	<b>51</b>
Greves na Europa.....	51
Espanha em 29 de setembro de 2010.....	54
Grécia: a democracia em conflito.....	56
Luta de Classes na França.....	58
Referências Bibliográficas.....	60

## **SOBRE O PROJETO**

Observatório do Mundo Contemporâneo: produzindo pensamento crítico

*Carla Luciana Silva.  
Aparecida Darc de Souza.*

O projeto de Extensão Observatório do Mundo Contemporâneo vem sendo realizado desde o ano de 2001. O projeto objetiva promover a leitura crítica da realidade contemporânea mundial. Para tanto, são produzidos murais e textos de reflexão, em linguagem acessível a qualquer interessado.

Os textos produzidos pela equipe estão sendo disponibilizados na Internet, na página da Unioeste ([www.unioeste.br/projetos/observatorio](http://www.unioeste.br/projetos/observatorio)). Os murais são colocados no Campus de Marechal Rondon em local de amplo acesso à comunidade que frequenta o Campus diariamente. Oficinas são oferecidas em eventos onde é apresentado o projeto, permitindo uma reflexão mais aprofundada sobre os referenciais teóricos que são utilizados.

Além disso, a divulgação do projeto nas escolas tem tido amplo apoio, com a participação efetiva dos alunos do ensino médio das escolas da região nas atividades desenvolvidas. Mas nosso objetivo vai além, e é por isso que os murais foram transformados em slides que podem ser utilizados com data show para fazer oficinas em qualquer lugar que disponha de um computador. Queremos com esse material de apoio, esse caderno de textos, promover subsídios para que professores da rede pública, e demais educadores populares possam fazer eles também essas discussões e trabalhar com esse material.

Nosso maior interesse é incitar o debate sobre os temas contemporâneos. O princípio que nos norteia é que faltam materiais críticos para analisar a história recente. E que essa história faz parte de nossas vidas de forma inexorável: nós somos os sujeitos da história. E para transformá-la temos que ter recursos para conhecê-la. A mídia ocupa esse espaço de maneira privilegiada, trazendo um projeto hegemônico que busca nos convencer de que o que ela propõe é expressão pura da verdade absoluta. Por isso focamos sobretudo na mídia, em matérias jornalísticas, porque são elas que produzem uma compreensão da história recente, forjando visões de mundo sobre o tempo atual.

Não podemos enquanto historiadores pensar que só deveremos pensar sobre a história depois que ela “tiver passado”, sob pena de termos perdido recursos básicos pra sua compreensão. Mesmo que nossas análises sejam inconclusas, é necessário que nos

acerquemos dos recursos possíveis para compreendê-la. O aspecto midiático da questão nos faz também pensar sobre a necessidade de produzir materiais que sejam atraentes, que prendam atenção. E por isso temos investido nos murais em forma de slides que permitem visualizar essas discussões de forma que sejam compreensíveis ao maior número de pessoas possível.

Os materiais podem ser utilizados por qualquer interessado. No entanto, eles não são auto-explicativos. Para trabalhar com essas temáticas é necessário preparação, estudo, e questionamento. Nossa história não pode ser portadora da verdade absoluta como é a que a mídia faz. Ela tem que ser indagadora, analítica, demonstrativa e também interpretativa. Alguns elementos distinguem nosso texto do que é produzido pelo jornalismo: o respeito às fontes e sua citação fidedigna; a elaboração de questões problematizadas; a utilização de hipóteses colocadas como respostas provisórias e não como verdade absoluta; a definição clara do lugar a partir do qual falamos.

O grande problema dos meios de comunicação não é quando eles mostram que tem um lado, mas quando eles assumem posição sem deixar isso claro, porque isso confunde o leitor / espectador, que passa a receber isso como sendo “notícia: verdade”. Nosso trabalho não pode ter esse mesmo sentido. O princípio da utilização de fontes históricas nos obriga a buscar outros recursos para compreensão do real: dados estatísticos, estudos comparados, fotografias, depoimentos, mapas, e muitos outros materiais são utilizados além dos recursos disponíveis na internet. Isso é fundamental para construir textos analíticos e críticos.

Para construir esse material utilizamos várias fontes de imprensa contra-hegemônica. É importante ressaltar que as mesmas críticas que fazemos aos grandes meios de comunicação têm que fazer aos pequenos: quem fala? Para quem fala? Por que fala? Isso nos permite perceber que nunca esses meios são neutros, eles têm uma organicidade, tomam partido o tempo todo. E isso precisa ser dito, não ocultado. É isso que nos permite não cair na ilusão da neutralidade. Nós temos posição, mas não podemos ocultar isso.

Desejamos a todos um bom trabalho. A forma com que cada um vai utilizar o material é livre. Propomos a utilização paralela do caderno de textos e dos slides. Sempre que possível, promover a consulta a jornais, revistas, internet, como forma de incitar também a pesquisa por parte dos participantes. Mas para isso seria necessário um tempo mais extenso, e vai depender da disponibilidade de cada escola. Pedimos apenas que, na medida do possível, nos informem sobre a utilização do material, apontando críticas e sugestões para que possamos melhorá-lo, pois o projeto segue sendo realizado.

# OSCAR AO TERROR<sup>1</sup>

## Como o agressor se torna a “Vítima”

*Prof. Ms. Luis Fernando Guimarães Zen<sup>2</sup>*

Em 2005 inauguramos nossos trabalhos abordando a Guerra do Iraque, dois anos após o então presidente dos Estados Unidos George W. Bush ter anunciado o fim da Guerra. Na ocasião, questionamos entre outras coisas os motivos que levaram a Guerra: armas de destruição em massa; apoio ao terrorismo; além do argumento de que a guerra era necessária para “levar a democracia ao Iraque”.

Cinco anos depois, não pretendemos retomar temas já trabalhados, mas sim, refletir a atualidade dos mesmos. Nessa edição do Observatório do Mundo Contemporâneo vamos abordar o mesmo problema, a Guerra, por uma outra e mais recente forma de tentativa de legitimação da mesma. Se em 2002 quando o ataque estadunidense começou, os “senhores da guerra” se utilizaram de sua imensa capacidade de criar um inimigo, utilizando-se dos seus diversos recursos que vão desde a televisão, jornais e revistas, além de muitas outras formas de convencimento, em 2010 não é diferente.

A tática abordada aqui é o recente premio do “Oscar 2010”. Em pleno momento que os ataques estadunidenses passam por um processo de acirramento, tanto no Iraque quanto no Afeganistão, um filme rodado em 2008 ganha o maior número de prêmios de 2010, algo incomum para a famosa “academia”.

O questionamento aqui, vai no sentido de pensar como que o filme inverte a posição dos exércitos estadunidenses que passam de agressores a vítimas. Porque a diretora do filme Kathryn Bigelow, retrata uma brigada do exército estadunidense que trabalha no desarmamento de bombas? Dessa forma, ela retrata os soldados dos EUA por um lado que os torna vítimas dos ataques iraquianos, ou seja, os soldados não estão lá para atacar um país e sim para defender os seus soldados dos ataques inimigos.

O filme mostra desde o início os soldados convivendo entre si, isso nos familiariza com os mesmos, passamos a “conhecer” esses soldados, eles tem nome, família, função. Por

---

<sup>1</sup> Mural produzido em Abril/ 2010. Coordenação: Luis Fernando Guimarães Zen. Estagiários: Guilherme Dotti Grando, Fabíola Waiss Farherr, Fagner Guglielmi Pereira, Francieli Pinheiro, Karen Loraine Kraulich e Marcos da Silva de Oliveira.

<sup>2</sup> Docente do curso de História da UNIOESTE.

outro lado, os iraquianos aparecem aleatoriamente, não sabemos quem eles são, todos são suspeitos, estão, a todo o momento tramando um suposto ataque, eles não tem rosto e apesar de serem as verdadeiras vítimas, tanto do antigo regime de Saddam Hussein, quanto dos ataques estadunidenses desde 1992, aparecem para Hollywood como agressores. É a inversão dos papéis.

O cenário de destruição mostrado pelo filme foi causado basicamente por quatro motivos: o primeiro deles foi devido a uma longa guerra entre o Irã e o Iraque na qual os EUA forneciam armamentos para aquele país. A segunda causa foi a Guerra do Golfo de 1992, quando os ataques aéreos estadunidenses destruíram boa parte da capital iraquiana. O terceiro motivo veio logo em seguida, causado pelo embargo econômico liderado pelos EUA desde 1992 e que até o início do atual conflito (2002) já havia matado (de fome e sede) mais de 1,5 milhões de pessoas naquele país. O quarto motivo vem de quase uma década de ataques do atual conflito, onde centenas de toneladas de bombas e ataques que utilizam de toda a sua capacidade bélica já foram lançadas sobre uma população que não tem hoje a menos resistência organizada.

Passados mais de oito anos de conflitos diretos no Iraque (se considerarmos os primeiros ataques ao Iraque logo após o fatídico atentado de 11 de setembro de 2001 em Nova York) os motivos iniciais já caíram por terra, não foram encontradas armas de destruição em massa, até porque já se sabia que elas não existiam, Saddam Hussein foi covardemente enforcado, mesmo nunca tendo sido comprovada sua ligação com terroristas, e a democracia iraquiana não tem nenhuma legitimidade diante da população. Ou seja, os motivos alegados para o início dos conflitos já não se sustentam mais, mesmo assim, uma nova onda de violência vem se instalando no Iraque mesmo após a troca de governo nos EUA.

E o cinema hollywoodiano legitima os ataques invertendo os papéis, onde as forças invasoras se tornam vítimas da guerra e as vítimas se tornam as agressoras.



## A Guerra do Iraque: uma questão de interesse

*Fagner Guglielmi Pereira<sup>3</sup>*  
*Marcos da Silva de Oliveira<sup>4</sup>*

A Guerra do Iraque ganha impulso em 2002, com uma série de ataques na capital Iraquiana Bagdá. As várias conotações que a guerra possui, demonstra a profunda contradição que está implícita em torno do conflito, também conhecida como: Ocupação do Iraque, segunda Guerra do Golfo ou ainda operação de “liberdade” do Iraque. A Guerra, mais do que as respectivas analogias e nomenclaturas parecem anunciar previamente, está intrinsecamente ligada ao imperialismo estadunidense e suas táticas de escoamento produtivo.

Embora o discurso midiático atrelado à classe dirigente dos Estados Unidos seja “combater o mal terrorista”, o que realmente está por trás de todo esse “mar” de interpretações distorcidas, são os interesses econômicos das indústrias bélicas, do setor petrolífero e financeiro mundial.

Na vanguarda dos interesses dos E.U.A, está constituída uma força desinformativa capaz de pincelar as manchas dessa investida nefasta. Estamos falando do grande aparato midiático estadunidense, o mesmo que afirmou que Saddam Hussein tinha ligações com a Al Qaeda de Osama Bin Laden, sendo que Saddam comandava um governo não religioso, exatamente o oposto dos fundamentalistas religiosos da Al Qaeda. Evidentemente, a “grande mídia” detentora da “verdade suprema”, não noticiou que os Estados Unidos financiaram o Iraque durante dez anos na guerra contra o Irã.<sup>5</sup>

A mídia nas suas mais variadas formas: televisão, jornal, revistas, internet, radio, exercem um poder muito grande perante toda sociedade, e um bom exemplo dessa manipulação fica a respeito do filme “Guerra ao Terror” lançado em 2008 e ganhador do Oscar em 2010. O filme busca passar ou retratar a imagem do exército invasor como “salvador” das ameaças terroristas. Os soldados estadunidenses sempre aparecem na defensiva (desarmando bombas, ajudando as pessoas em risco, enfim, inúmeros fatores que justificam sua ocupação) e os Iraquianos como “rebeldes”.

Fica claro, porém, que o discurso estadunidense justifica os ataques com a vaga concepção de eliminar o terror eminente. Se antes a figura de Saddam Hussein, representava

---

<sup>3</sup> Discente do 3º ano do curso de História da UNIOESTE.

<sup>4</sup> Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

<sup>5</sup> Ver texto produzido pelo Professor Doutor Gilberto Calil, Observatório do Mundo Contemporâneo / 2005: <http://www.unioeste.br/projetos/observatorio/>

simbolicamente o mal, depois de sua morte o “terrorismo” iraquiano toma espaço nessas justificativas.

Dentre os pretextos possíveis para a Guerra, o principal deles segundo o ex-presidente dos Estados Unidos George W. Bush seria que o Iraque teria a capacidade de desenvolver “armas de destruição em massa” e que essas armas simbolizavam uma ameaça ao mundo. Na verdade, o Iraque passa por um duro bloqueio econômico estadunidense, que além de matar de fome mais de 1 milhão de iraquianos, incluindo crianças e mulheres, torna o aparato militar iraquiano defasado e sem capacidades objetivas de desenvolver um exército organizado. Neste sentido, os Estados Unidos matam “dois coelhos com uma cajadada só”, para além de desarticular a resistência do exército iraquiano, cadencia o mais sórdido dos imperialismos. Durante a guerra os estadunidenses concretizam os meios para se apropriarem dos recursos petrolíferos do Iraque, podendo controlar seu preço, e “desafogar” os estoques de sua principal base econômica, a indústria bélica.

Em 2003, Bush afirmou que não poderia esperar as ameaças do líder iraquiano Saddam Hussein se concretizar, três anos após a morte de Hussein que simbolizava o “mal iraquiano”, os ataques não cessaram. Que motivos teriam os E.U.A para continuar os ataques em solo Iraquiano?

“pelo que se porão de bombas a explodir, parece uma boa razão: a indústria poderá refazer seus estoques. Os Estados Unidos sairiam da recessão em que se encontram e a nação poderia respirar e rir em paz com suas comédias, suas piadas altamente sofisticadas, seus filmes que somos obrigados a assistir”.<sup>6</sup>

O inimigo morto não significa o fim do conflito, pois isso não reduz a verdadeira pretensão dos E.U.A, a desmedida justificativa de acabar com o ditador iraquiano como álibi para ocupação cai por terra, mas os “terroristas” estão sempre no foco da lente do discurso midiático dominante, pois pelo discurso dos meios de comunicação da “grande mídia” constará um demasiado esforço em destacar as atividades “subversivas” do Iraque contra o mundo ocidental.

As condições em que se inserem as práticas econômicas dos Estados Unidos, não diferem do estereótipo do iraquiano criado por eles, quem são os verdadeiros “terroristas”? Sob profunda coerção, a população iraquiana vive intenso terror ocasionado pelo conflito e pela confluência dos interesses estadunidenses, os Estados Unidos promovem a guerra como válvula de escape de suas pretensões econômicas, matando milhões de iraquianos e levando miséria, desespero e fome para outra parcela significativa dessa população.

---

<sup>6</sup> Fragmento retirado da Revista Caros Amigos.

## Guerra ao Terror – Defesa aos Iraquianos?

*Francieli Pinheiro<sup>7</sup>  
Karen Loraine Kraulich<sup>8</sup>*

A violência no Oriente Médio tem custado desde 1992 milhões de vidas do povo iraquiano. O Iraque tornou-se um cenário de desespero e inúmeras atrocidades desde o reinício dos ataques estadunidenses em 2003. Esse ano de 2010 nos deparamos com uma questão que merece ser analisada um pouco mais a fundo, a premiação do Oscar, onde um filme o qual fora lançado em 2008, tratando da ocupação estadunidense no Iraque e o "brilhante trabalho" de suas tropas na organização e "reconstrução" do país. Este filme recebeu seis estatuetas incluindo, a de Melhor Filme.

Será que já nos esquecemos que a Guerra no Iraque foi iniciada pelos EUA? E que o país foi bombardeado e devastado a partir disso? Aí nos perguntamos ainda, por que Guerra ao Terror ganhou o Oscar esse ano?

O filme trata de um agrupamento do exército estadunidense que atua no país invadido desarmando bombas e supostamente salvando vidas. O grupo se constitui de soldados bem treinados que atuam nas linhas de defesa dos exércitos estadunidenses e que exercem uma importante função onde homens precisam conviver e trabalhar em equipe, deixando as diferenças de lado em função de um bem maior, a vida dos iraquianos.

O filme nos passa uma visão na qual as forças estadunidenses estão na defensiva o tempo todo, seu inimigo não aparece claramente, os soldados andam pelas ruas cumprindo sua árdua missão de defender o povo iraquiano. O personagem principal do filme é um soldado heroicizado pelos companheiros, Kathryn Bigelow o trata um soldado tão dedicado que ao retornar para casa sente-se deslocado e sem função, ao contrário de sua aparente satisfação quando no final do filme ele está a caminho de retornar a zona de conflito.

Guerra ao Terror tenta passar uma imagem Nacionalista do império estadunidense, os soldados "salvando vidas e levando a paz", vemos seus mortos em evidência e o silêncio estratégico sobre quantos e como morreram os iraquianos desde o início da guerra.

Mas a pergunta que fica é o porque dos soldados estadunidenses serem mostrados sempre na defensiva? Afinal, eles não são os invasores? Quem está ocupando o território de quem? E a pergunta que não quer calar, por que Guerra ao Terror ganhou o Oscar 2010?

Para respondermos essas questões cabe a nós fazer uma análise. Esse amparo aos

---

<sup>7</sup> Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.

<sup>8</sup> Discente do 3º ano do curso de História da UNIOESTE.

iraquianos que o filme mostra, nada é mais falso, afinal, os Estados Unidos está em posição de defesa, até porque para eles o Iraque não pode ser invadido por outras tropas, o petróleo existente lá é uma riqueza que os EUA defendem (informalmente) a muito tempo, colocando seus soldados como "garantia" dessa defesa, sendo uma riqueza que os EUA poderá tomar posse a qualquer momento.

Entre mentiras e mentiras reproduzidas por Bigelow estão a inversão dos papéis exercidos pelos soldados, afinal os EUA são os agressores que, se estão em terras hostis é por que eles se colocaram em tal situação com um propósito, este não aparece em nenhum momento do filme. Para os soldados retratados no ganhador do Oscar de 2010, seus objetivos retratam as boas intenções de combater um inimigo que representa uma ameaça ao seu país, fica perceptível o tom de patriotismo dos soldados em batalha, esses possivelmente nunca pensaram os verdadeiros motivos pelos quais estão abandonando suas casas e indo combater em terras hostis.

Os interesses escondidos por traz da ofensiva estadunidense envolvem objetivos muito maiores do que eles possam imaginar. Estão implícitos no filme os reais interesses das grandes empresas multinacionais ligadas ao setor petrolífero e armamentista em realizar uma ofensiva contra qualquer governo que se recuse a alinhar-se com os seus "princípios".

No filme, os iraquianos aparecem como pessoas sem identidade seus rostos quase sempre ficam escondidos e dando a sensação de medo, desorientação e desespero. Aparecem conjuntamente com o cenário em que se passa o filme, não tem capacidade de transformação de sua realidade. A todo o momento estão vulneráveis aos ataques dos próprios iraquianos. Se o cenário é de destruição, é por que os bombardeios estadunidenses o causaram. Nesse caso, quem são os agressores?

A Guerra do Iraque não terminou como disse Bush em 2003, está sim, próxima de completar uma década de mortes e destruições, não se deve a Bush necessariamente já que no governo Obama tem passado por uma nova onda de ataques. Não se deve nem as armas de destruição em massa, nem a Saddam Hussein, nem a Al Qaeda, nem ao terrorismo, idéias que estiveram relacionadas ao conflito armado desde antes de seu início e que continuam presentes diariamente nos meios de informação e agora reproduzidos e "consagrados" pelo Oscar e pela indústria cinematográfica hollywoodiana.

## O cinema de guerra e seu compromisso político

Fabiola Waiss Farherr<sup>9</sup>  
Guilherme Dotti Grandó<sup>10</sup>

Ao pensarmos o cinema enquanto legitimador das políticas estadunidenses, buscamos problematizar seu papel de idealizar os modelos sócio-político-econômico imperialista. Neste sentido cabem aqui alguns questionamentos a respeito da forma como o cinema hollywoodiano aborda a questão das *guerras* e as disputas políticas, e como essa produção cinematográfica serve como instrumento reprodutor das práticas imperialistas estadunidenses.

Dirigido por Lewis Milestone, *Purple Heart*<sup>11</sup> foi um filme exibido em plena guerra contra o Japão, 1944, e que traz em seu enredo os suplícios cometidos pelos japoneses aos prisioneiros estadunidense, deixando de abordar, por outro lado, as atrocidades que foram cometidas pelos *marines* estadunidenses contra os japoneses. Esta visão parcial segundo Ignácio Ramonet, é orientada por interesses políticos uma vez que procura construir argumentos para mobilizar a opinião pública em favor da guerra.

Na construção destes discursos, o cinema hollywoodiano constantemente confundiu oposição ideológica e diferenças étnicas, justifica-se a guerra não somente pelos conflitos políticos, mas também por questões étnicas. Nesses argumentos construídos, por exemplo, “o japonês não é absolutamente inimigo porque é fascista ou militarista, mas simplesmente porque é 'amarelo'” (RAMONET, 2002 p.140). Em *Flying Leathernecks*, dirigido por Nicholas Ray, o protagonista, após sofrer várias atrocidades, afirma: “Os japoneses não merecem viver”, mais um exemplo dessa confusão intencional feita nas produções estadunidenses.

Hollywood, ao focar suas câmeras em uma visão unilateral, a imagem de um exército americano comprometido com os valores da “democracia” estadunidense, mas que é desafiado e agredido por um adversário, selvagem, irracional, constrói um discurso onde as atrocidades estadunidenses são justificadas unicamente como reação as agressões que sofreram inicialmente.

O cinema constantemente traz novos filmes com novas atrocidades cometidas por

---

<sup>9</sup> Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

<sup>10</sup> Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

<sup>11</sup> *Purple Heart* (Coração Púrpura) é uma condecoração militar dos Estados Unidos, outorgada em nome do Presidente a todos os integrantes das Forças Armadas que sejam feridos ou mortos durante o serviço militar, desde 5 de abril de 1917.

japoneses, vietcongs comunistas, iraquianos, muçulmanos, e as práticas americanas são novamente justificados como uma “legítima defesa”. Na suposta tentativa de informar ao grande público a “real” situação de seu exército, Hollywood contribui para a desinformação da população. Assim, segundo Ramonet, o esforço feito pelos meios de comunicação, no caso o cinema hollywoodiano, a todo o momento “informar” a condição de vítima dos estadunidenses, mas por outro lado não discutir as formas de violência cometidas pelos norte americano enquanto agressores, invasores, e suas políticas imperialistas. A “desinformação” é promovida na medida em que Hollywood seleciona, unilateralmente, um ponto de vista de acordo com seus interesses, e constantemente o reafirmam para não debater com as outras interpretações.

O cinema hollywoodiano, desta maneira busca legitimar as práticas imperialistas dos Estados Unidos, omitindo o interesse da dominação político-econômica imposta as nações tidas como desordeiras ditatoriais ou terroristas. Neste sentido, uma visão crítica destas produções cinematográficas se faz importante na medida em que busca romper com estes discursos unilaterais. Entender o cinema enquanto um reprodutor da ideologia de quem o produz elucidada a complexidade dos conflitos e conseqüentemente a necessidade de se formar opiniões que legitimem práticas diversas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SQUEFF, Enio. Os senhores da guerra e os escribas da morte. In: **Caros Amigos**, ano VI número 72 março 2003.

DORNELES, Carlos. **Deus é Inocente: a imprensa não**. São Paulo: Globo 2002.

VIRILIO, Paul. **1932 Guerra e Cinema: logística da percepção**. São Paulo: Boitempo, 2005.

RAMONET, Ignácio. **Propagadas Silenciosas: massas, televisão, cinema**. Petrópolis RJ: Vozes, 2002.

<http://www.unioeste.br/projetos/observatorio/>

<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=502>

## INDUSTRIALIZAÇÃO RECENTE NO OESTE DO PARANÁ<sup>12</sup>

### Juventude e trabalho industrial no Oeste paranaense: o futuro que não se realiza

*Prof. Dr. Antônio de Pádua Bosi<sup>13</sup>*

Nos últimos quinze anos a instalação de indústrias no Oeste paranaense mudou radicalmente a face desta região. Hoje, mais de 30% dos trabalhadores estão ocupados com algum tipo de trabalho nas fábricas e 80% desses empregos são oferecidos por indústrias onde se manufaturam alimentos, principalmente carne de frango e de porco. Portanto, os jovens desta região que trabalham nessas empresas fazem parte de uma numerosa classe operária que tem crescido sem parar, embalada por promessas de que a vida vai melhorar.

De fato esta recente concentração industrial já conseguiu um lugar de destaque na economia do Estado. Seu faturamento é contado na casa das dezenas de milhões de reais e o resultado de tanto trabalho (carne de porco, de frango, queijo, leite, biscoitos etc.) circula nacionalmente e chega até mesmo em países do Oriente Médio, rendendo dólares que remuneram fartamente esses empreendimentos. É uma verdadeira história de sucesso, contada em artigos científicos, noticiada em jornais, celebrada em festas e eventos políticos. Mas nem todos estão felizes e entusiasmados com tudo isto.

João Schneider foi um dos primeiros operários desse processo de industrialização, empregado num frigorífico desde a sua inauguração em 1994. Ele entrou como auxiliar geral e fez todo tipo de tarefa prevista para alguém com pouca escolaridade e muita disposição física para o trabalho. Empacotou e carregou mercadoria, foi encarregado da limpeza e aprendeu a cortar a carne do frango. Tornou-se um especialista nisto. Quando lidava com as coxas e sobre-coxas da ave, realizava quatro gestos para cortá-las e separá-las, num total de 68 movimentos por minuto. Esta rotina lhe deixava exausto, mas era recompensada com a possibilidade de economizar dinheiro para comprar uma motocicleta. Depois de três anos conseguiu realizar seu sonho. Também se casou com uma colega de trabalho que conheceu na linha de produção. Juntos, com as despesas divididas, continuaram a perseguir a promessa que lhes foi feita quando aquela fábrica começou a funcionar: disseram-lhes que progrediriam

---

<sup>12</sup> Mural produzido em Junho/2010. Coordenação: Antônio de Pádua Bosi. Estagiários: Guilherme Dotti Grando, Fabíola Weiss Farherr, Fagner Guglielmi Pereira, Francieli Pinheiro, Lúcio Fellini Tazinaffo e Marcos da Silva de Oliveira.

<sup>13</sup> Docente do curso de História da UNIOESTE.



com a prosperidade da empresa. Mas João não foi além da moto. O nascimento de um filho adicionou mais responsabilidades, preocupações e gastos, principalmente gastos. O salário pareceu diminuir.

Se a piora da situação inicial não fosse bastante, começou a sentir dores insuportáveis devidas ao trabalho. Dores no ombro, nos braços, nas costas e em algumas articulações. Frequentou diversas vezes o médico da própria fábrica. As consultas eram rápidas e terminavam com uma receita de analgésicos e antiinflamatórios. As coisas não melhoraram mesmo após realizar inúmeras sessões de fisioterapia. Deixou de ser um “colaborador” naquela fábrica depois de dez anos de trabalho. Recorreu à Justiça contra a empresa alegando ter sido destruído pelos cortes na carne do frango e terminou com um acordo indenizatório de aproximadamente trinta salários mínimos e com os tendões “supraespinhal”, “infraespinhoso” e “bíceps braquial” rompidos. Gastou sua indenização no pagamento de uma cirurgia reparadora que amenizou as dores, mas não restaurou a força e a destreza dos movimentos que tinha quando entrou naquele frigorífico aos dezenove anos de idade. Hoje, com 34 anos, está imprecioso para o trabalho. É dono de um corpo sonolento e mutilado do qual se esvaíram todas as forças ao longo de uma década dedicada às jornadas diárias de participação do sucesso empresarial no Oeste paranaense. O vigor moral que lhe restou é animado principalmente pela esperança de que seu filho não repita a sua trajetória, experimentada com um gosto amargo de arrependimento. Além do salário da esposa, que saiu do frigorífico pra trabalhar numa confecção, João complementa a renda da família com bicos incertos que o ajudam também a manter a dignidade.

Cristiano Schmidt tem dez anos a menos que João. Há quatro anos trabalha num frigorífico, seu terceiro emprego de carteira assinada depois de diversas experiências com ocupações informais. Na escala oferecida por economistas e políticos Cristiano “subiu na vida”. É filho de um pedreiro e de uma empregada doméstica. Com eles aprendeu a cultivar o valor do trabalho honesto e a confiar na promessa trazida pelas indústrias. Vive com seus pais e paga parte das despesas da casa como as contas de água e de luz. O restante de seu salário foi economizado para comprar uma motocicleta Bis, um dos principais sonhos de consumo acalentados por jovens que, como ele, cresceram num bairro pobre e estigmatizado. A estabilidade neste emprego trouxe a expectativa de terminar o ensino médio, uma meta sempre adiada pela necessidade de trabalhar. Matriculou-se num supletivo, mas logo desistiu porque chegava esfalfado em casa, sem energia pra coisa nenhuma. Saía para o trabalho entorpecido pelo sono e esta se tornou a rotina que passou a marcar sua vida: o cansaço. Há um ano procurou o ortopedista esperando se livrar de uma incômoda dor que lhe “queimava”

o pescoço. Perdeu a noção de quantas vezes se consultou. Foram tantas que decorou o nome de diversos antiinflamatórios, mas ainda não se acostumou às freqüentes “fisgadas” sentidas também “na cabeça e nas costas”. Mais algum tempo nesta situação e Cristiano alcançará João. Só não se sabe como sustentará sua dignidade e nem de onde retirará ânimo para superar a raiva e refazer o traçado de sua vida quando estiver destroçado.

Willian Lagemann é o terceiro sujeito desse triste enredo. Tem apenas 20 anos de idade e já completou dezoito meses trabalhados num frigorífico. Seus pais também são trabalhadores com pouca qualificação profissional cujas limitações materiais lhes impuseram um comportamento deferente e quase conformado com a vida. Separaram-se há poucos anos e o pai converteu-se à bebida, um tipo de conforto nada incomum para muitos daqueles que se curvam diante de tantos maus tratos vividos. Nos filhos, e entre eles está Willian, reside a possibilidade de mudar sua sorte. Willian sente essa projeção dos pais, mas tem suas próprias preocupações compartilhadas pelos demais jovens trabalhadores pobres na região. O salário lhe serve para comprar os emblemas de sua época, roupas de etiqueta, tênis da moda e, é claro, uma motocicleta que dará a ele a impressão de liberdade e poder. Assim como João, Cristiano e outros milhares de jovens, Willian começa a sofrer com o trabalho. Dores musculares, “fisgadas”, “calores”, analgésicos e antiinflamatórios têm se constituído parte de seu cotidiano. Em pouco tempo escorregará para a posição de Cristiano e depois de João.

Manter-se moralmente vivo quando a própria integridade física está ameaçada é o ato final de um roteiro dramático que pressiona cada jovem trabalhador dessa região a desenvolver um papel nesta história triunfante do crescimento industrial no Oeste paranaense. O futuro prometido é simplesmente irrealizável para os que trabalham, mas esta consciência não é amplamente esclarecida. Aliás, não se encontra nenhum traço dela nos discursos políticos ou na imprensa que nos informa sobre a “realidade” e a fortuna de termos tantas indústrias neste lugar. Enquanto isso, gente como João, Cristiano e Willian continuam a encher as filas de inscritos para essas fábricas, perseguindo futuros que não se realizam.

## **Frigoríficos e trabalhadores: vivência e limites da industrialização recente.**

*Guilherme Dotti Grandó<sup>14</sup>  
Lúcio Fellini Tazinaffo<sup>15</sup>*

O processo de industrialização recente no oeste do Paraná teve início no final da década de 1970. Neste desenvolvimento observamos a vinda de indústrias frigoríficas de outros locais, e também a organização de frigoríficos de capital regional, à exemplo da Copagrill em Marechal Cândido Rondon. O discurso elaborado por estas indústrias sobre este processo de industrialização recente e a forma como as relações de trabalho dentro delas se dão, procura colocar estas empresas como as principais responsáveis pelo desenvolvimento da região, empresas empreendedoras que concedem aos trabalhadores oportunidades de emprego, muitas vezes, de um primeiro emprego, omitindo a realidade das condições de trabalho oferecidas por elas e os danos causados a saúde de seus trabalhadores.

Em pesquisa recente (2007) Anna Finkler, ao estudar a relação entre as condições de trabalho precárias dos trabalhadores nos frigoríficos e as doenças desenvolvidas dentro desse processo de trabalho, mostra uma realidade que se contrapõe a este discurso elaborado pelas indústrias frigoríficas e a elite industrial burguesa. Como mostra a autora o trabalho nesses frigoríficos está sujeito a uma série de condições adversas como o constante risco de acidentes no local de trabalho, a repetição contínua de movimentos, a exposição a temperaturas baixas e a imposição de um ritmo de trabalho determinado pela esteira.

Estas questões relacionadas à intensidade do trabalho nos frigoríficos e sua relação com as doenças do trabalho, podem ser percebidas nas entrevistas de ex-trabalhadores utilizadas por Finkler. A “velocidade” do trabalhador, segundo alguns depoimentos, é colocada como um critério para a garantia do emprego. “[...] *aqueles caras que iam mais devagar, a chefia passava e derrubava só com o olho. Cara fraquinho no trabalho, nem na experiência passa*” (E13) (FINKLER, 2007, p.64)

A forma como se organiza o trabalho no frigorífico, as metas de produtividade pré-estabelecidas, o ritmo, que por vezes até extrapola o limite humano, não levam em consideração as condições de saúde do trabalhador. A produção é colocada como prioridade mesmo quando a saúde dos trabalhadores é colocada em cheque. Muitas vezes, como mostra Finkler, a empresa dificultava para que o trabalhador sequer pudesse abrir uma CAT (Comunicação de Acidente de Trabalho), e ocorreram vários relatos onde a empresa se negou

---

<sup>14</sup> Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

<sup>15</sup> Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.

a pagar a assistência médica aos funcionários que desenvolveram as doenças do trabalho.

O médico da [...] falou que eles não irão pagar a cirurgia, porque esta tendo muita cirurgia cara para eles pagarem (E1). (FINKLER, 2007, p.84)  
até a enfermeira do trabalho falou que era normal travar a coluna, não deixaram eu abrir a CAT, a equipe médica falou que não era acidente de trabalho, que não tinha nada quebrado com o tombo (E11). (FINKLER, 2007, p. 84)

Pesquisas desenvolvidas sobre a organização do trabalho nos frigoríficos da Copagril mostram que boa parte dos trabalhadores empregados no setor frigoríficos são jovens recém colocados no mercado de trabalho. A necessidade de recursos para se manter na cidade, para se custear na universidade em alguns casos, aparece como característica do perfil dos trabalhadores.

Apesar do discurso das empresas, de empreendedorismo e oportunidades, o trabalhador entra em uma situação de trabalho onde vivencia condições muito duras de serviço no cotidiano, conforme podemos perceber nas entrevistas utilizadas por Anna Finkler. Esta é a contradição que é vivida cotidianamente pelos que trabalham em frigoríficos como a Copagril. No processo de trabalho em que são colocados, os riscos de acidentes no local de serviço e as conseqüências da intensidade do trabalho, não oferecem aos trabalhadores mais do que nove anos de labor sem contrair alguma doença relacionada ao trabalho.

Este contexto do trabalho nos frigoríficos já foi e é vivenciado por muitos trabalhadores, tanto jovens como mais velhos. As conseqüências na saúde causadas por esta forma de organização do trabalho, quando já não são explícitas como em acidentes de trabalho onde o trabalhador tem membros amputados por maquinários no local de trabalho, são profundas em longo prazo e chegam a persistir por toda uma vida. As dores nas articulações, coluna, braços e pernas são o prêmio oferecido pelos frigoríficos pelo esforço dos trabalhadores em alcançarem as metas de produtividade. A perspectiva que é oferecida a estes trabalhadores, mas também as próximas gerações da juventude são de um futuro onde o passado nos frigoríficos nem sempre pode deixar de ser sentido e a todo o momento lembrado nas dores.

## Trabalho Informal nas Confecções no Oeste do Paraná

*Francieli Pinheiro<sup>16</sup>*  
*Marcos da Silva de Oliveira<sup>17</sup>*

Ao propormos uma análise das condições de trabalho, seja ela no âmbito formal ou informal, na região Oeste do Paraná, nos deparamos com profunda relação de exploração dos possuidores dos meios de produção sobre os detentores da força de trabalho. Nesse sentido observamos que essa relação não está presente apenas no setor formal da economia, mas também em grande medida de forma “oculta” nas diversas ocupações informais, ou seja, relações de trabalho sem direitos trabalhistas.

Na região Oeste Paranaense, exemplo de Marechal Cândido Rondon, parte significativa da população que não encontra vaga no mercado de trabalho formal, por não se enquadrar em grande medida no perfil exigido pelas indústrias, termina por trabalhar em ocupações informais, pois necessita alimentar-se e manter a subsistência de sua família e ter pelo menos um pouco de qualidade de vida, se é que isso se torna possível. Nesse sentido, forçada pelas suas necessidades e por não estar no perfil exigido pelas empresas, esse trabalhador lança-se para a informalidade seja como pintor, encanador, catador de lixo, costureira, bordadeira dentre outras ocupações. Mas tomaremos como escolha para discussão as costureiras (domiciliares) de Marechal Cândido Rondon e região, onde esse tipo de trabalho torna-se necessário para poder ter uma renda auxiliar.

Um exemplo desse tipo de trabalho informal está presente nas experiências de costureiras que trabalham para indústrias de confecções. Muitas mulheres e donas de casa com algum conhecimento em “corte e costura” trabalham em suas próprias casas costurando para confecções que contratam seu trabalho sem, contudo, pagar qualquer direito trabalhista por isto. Nesse sentido observamos que o trabalho é realizado em casa para poder conciliar funções domésticas com outros meios (no caso a costura sob encomenda) para poder ter uma renda auxiliar. Como esclarece Terezinha Carvalhal:

“Isso obviamente, além da própria execução das funções domésticas. Como limpar, passar roupa, cozinhar, cuidar dos filhos e marido, que depende de tempo para ser realizado e que consumam num intervalo e outro da costura, ou durante o tempo em que param para preparar as refeições da família. São varias as funções, num intervalo, que consomem as trabalhadoras em jornadas intensas e extensas.” (Carvalhal, 2009, p.72).

---

<sup>16</sup> Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.

<sup>17</sup> Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

Além de ter árduas jornadas de trabalho que chegam, em muitos casos, ha 12 horas por dia para cumprir as tarefas, grande parte dessas trabalhadoras não dispõe de um lugar próprio para costurar, bordar enfim, de um lugar para a execução das tarefas. Deste modo utilizam cômodos da sua casa para por maquinas e os equipamentos necessários, e que torna o lugar abafado. Demonstra a partir desses elementos citados as condições que os trabalhadores (principalmente mulheres) estão inseridos, onde se torna necessário estender a jornada para poder cumprir seus pedidos e ter “a renda esperada” no final do mês.

O questionamento que nós devemos fazer é por que as empresas deste ramo preferem costureiras que trabalham na informalidade? Torna-se preferível para algumas empresas ter esses trabalhadores na informalidade produzindo partes/etapas ou até mesmo todo um produto, pois não necessitam ter responsabilidade implícita sobre esta mão de obra. Exemplos dessa relação além, das costureiras de Marechal Cândido Rondon são as de Terra Roxa que costuram para algumas empresas de confecções como, Príncipe Baby, Tropical Baby, Paraíso Bordados, Berço de Ouro, sem ter algumas obrigações com as mesmas.

A responsabilidade por direitos como, descanso remunerado, férias e aposentadoria, por exemplo, passa da empresa para o trabalhador, que precisa produzir para poder ter uma renda auxiliar que pode variar de 1 a 5 salários mínimos. No caso de Marechal Cândido Rondon não existe um sindicato forte, que lute por melhores condições de trabalho e que possa dar pelo menos informações sobre a profunda relação de exploração que esses trabalhadores estão inseridos. Observa-se que a lógica de produção capitalista está conectada com diversos mecanismos que exploram os trabalhadores muitas vezes de forma “oculta”, para poder dar razão a sua exploração.

## A Face Oculta da Industrialização em Marechal Cândido Rondon/PR

*Fabiola Waiss Farherr<sup>18</sup>  
Fagner Guglielmi Pereira<sup>19</sup>*

O processo de industrialização em Marechal Cândido Rondon é recente, ocorreu praticamente nas duas últimas décadas. Mesmo assim, já provocou grandes transformações na cidade. A industrialização foi sempre apoiada pela imprensa do município. Propomos analisar nesse texto as conseqüências do discurso da imprensa no cenário político, econômico e social da cidade a respeito da industrialização.

Em dez anos a inserção de trabalhadores nas Agro-indústrias rondonense apresentou significativo aumento, passou de 13,3% da mão de obra em 1996 para 30,6% em 2006<sup>20</sup>. A indústria de carne de aves é a maior empregadora da região com 13,84% dos empregos formais. Os dados indicam o forte processo de industrialização que o município vem passando durante esse período.

Além da concentração dos trabalhadores nas fábricas alimentícias do município, também há uma acentuada transformação nas relações de trabalho, semelhante ao que ocorreu no início da Revolução Industrial no século XVIII. Naquela época, a industrialização desfigurou profundamente as relações do homem com seu trabalho, expropriando em menos de um século cerca de quatro milhões de camponeses de suas terras. Em Marechal Cândido Rondon, antes da industrialização, a agricultura era o fio condutor da economia e dos trabalhadores rurais. Hoje, o trabalho do agricultor tornou-se mais dependente do controle das indústrias e muitos filhos de agricultores estão na linha de produção dessas fábricas, tendo que se adaptar ao rigor das máquinas. Além disso, grande parte dos trabalhadores das indústrias procede de outros municípios.

A imprensa local anuncia em suas reportagens um aumento de 47% no número das contratações de trabalhadores, colocando a cidade em primeiro lugar na região. Mas será que isso significa alguma melhoria na vida dos trabalhadores? Em quais condições esse trabalho na indústria é realizado? O estudo de Finkler (2007) demonstra que 69% dos trabalhadores dos frigoríficos da região Oeste do Paraná adoecem em no máximo cinco anos de trabalho.

---

<sup>18</sup> Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

<sup>19</sup> Discente do 3º ano do curso de História da UNIOESTE.

<sup>20</sup> BOSI, A. P.; VARUSSA, R. J. “Trabalhadores e trabalho no Oeste do Paraná”. In **Relatório Técnico Final**. Fundação Araucária, Fevereiro de 2009.

Desse percentual, grande parte adoece em apenas 15 a 30 meses de trabalho<sup>21</sup>. Inúmeras doenças estão afetando os trabalhadores nos frigoríficos da região, tais como: bursite, depressão, reumatismo, varizes, dentre outras, que são consequência da extensa jornada de trabalho, marcadas pela repetição dos movimentos e a exposição a ambientes insalubres.

Os trabalhadores são submetidos a constantes variações de temperaturas nocivas à saúde, trabalhando em ambientes com temperatura de apenas 7 a 8° e, depois passam a outro setor com temperatura de 18 a 25°. Para agravar o quadro, o salário na maioria dos casos é dificilmente supera o salário mínimo do Paraná. Neste sentido, podemos afirmar que, para os trabalhadores que estão perdendo a saúde nos frigoríficos da região, a indústria não representa de maneira nenhuma benefício em sua vida. Muito pelo contrário, é entendido muitas vezes como seu martírio.

A realidade que apresentamos acima não é publicada na imprensa local, devido a sua preocupação em justificar a industrialização que garantem enormes lucros para a burguesia.

Quando o jornal o Presente no ano de 2008 em seu editorial afirma que:

“As indústrias são grandes focos de desenvolvimento, mas também são grandes geradoras de problemas sociais [...] os filhos das famílias que vêm para uma cidade trabalhar na indústria estudam aonde? Nas escolas públicas. E certamente aumentando a população de trabalhadores, é preciso construir novas escolas. Com o aumento de novas escolas, é preciso aumentar o número de professores [...]”<sup>22</sup>

Fica clara a tentativa deste jornal em criminalizar a condição social dos trabalhadores, à medida que reconhece a industrialização como a porta para o progresso da cidade, o jornal por outro lado entende os trabalhadores como um fardo para a sociedade.

De acordo com o editorial, os trabalhadores seriam os responsáveis pelo o aumento com os gastos com saúde, educação, transporte e não responsabilidade do governo local. Não obstante, o mesmo jornal culpa os trabalhadores das indústrias pelos problemas e gastos com segurança pública na medida em que se refere aos trabalhadores como a “gente de fora que se aproveita do fato dos vizinhos serem desconhecidos para aplicar seus golpes”.

---

<sup>21</sup> FINKLER; Anna Luisa. TCC: “Os Problemas de Saúde dos Trabalhadores e a Relação com o Processo de Trabalho em Frigoríficos”, Cascavel; 2007.

<sup>22</sup> Jornal O Presente, editorial: industrialização X Desenvolvimento. Marechal Cândido Rondon 26/11/2009.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, A. P.; VARUSSA, R. J. “Trabalhadores e trabalho no Oeste do Paraná”. In **Relatório Técnico Final**. Fundação Araucária, Fevereiro de 2009.

CARVALHAL, Terezinha Brumatti. **A inserção das mulheres no Trabalho domiciliar em Terra Roxa e a Horizontalização do capital no Século XXI**. Tese de Doutorado. Presidente Prudente, 2009.

FINKLER; Anna Luisa. TCC: “**Os Problemas de Saúde dos Trabalhadores e a Relação com o Processo de Trabalho em Frigoríficos**”, Cascavel; 2007.

Jornal O Presente, editorial: industrialização X Desenvolvimento. Marechal Cândido Rondon, 26/11/2009.

<http://www.opresenterural.com.br/noticias.php?n=732>

## RESPEITÁVEL PÚBLICO, NO PALCO A COPA DE 2010<sup>23</sup>

### Poder, Mídia e Futebol

*Profa. Ms. Selma Martins Duarte<sup>24</sup>*

O Brasil praticamente parou durante as exibições dos jogos da seleção brasileira de futebol, em sua participação na Copa do Mundo de Futebol de 2010, realizada na África do Sul. Escolas liberaram aulas, empresas promoveram atividades diferenciadas para os funcionários poderem assistir aos jogos, e a mídia brasileira se propôs fazer uma intensa cobertura sobre a copa. Diante do exposto, a equipe do Observatório do Mundo Contemporâneo, que elaborou este mural, não poderia deixar de refletir sobre os “sentidos deste espetáculo” vivenciado pela população brasileira.

A história do futebol no Brasil seguiu um curso contrário ao do país mentor (Inglaterra). Esporte praticado pelos operários ingleses, o futebol popularizou-se nos bairros de residência dos trabalhadores no contexto pós Revolução Industrial. Já no Brasil, o esporte inserido por ricos imigrantes ingleses e seus filhos, foi praticado desde o final do século XIX, e tornou-se um passa-tempo da elite urbana, que relutou em aceitar sua popularização com a prática deste esporte pelos trabalhadores (Magalhães, 2010).

Com a popularização deste esporte, que durante o século XX levou milhares de pessoas aos estádios de futebol, ocorreu uma associação entre seleção e a construção da idéia de nação, como destaca o sociólogo Pierre Bourdieu:

“Pelo fato de que cada televisão nacional dá tanto mais espaço a um atleta ou a uma prática esportiva quanto mais eles forem capazes de satisfazer o orgulho nacional ou nacionalista, a representação televisiva, embora apareça como um simples registro, transforma a competição esportiva entre atletas originários de todo o universo em um confronto entre os campeões (no sentido de combatentes devidamente delegados) de diferentes nações.” (Bourdieu, 1997, p. 123-124).

No Brasil não foi diferente, construiu-se uma relação entre futebol e identidade brasileira. E após as vitórias da seleção brasileira em Copas do Mundo o país passou a ser

---

<sup>23</sup> Mural produzido em Agosto/2010. Coordenação: Selma Martins Duarte. Estagiários: Guilherme Dotti Grando, Fabíola Weiss Farherr, Fagner Guglielmi Pereira, Francieli Pinheiro, Lúcio Fellini Tazinaffo e Marcos da Silva de Oliveira.

<sup>24</sup> Docente da Rede Pública Estadual de Ensino.

propagado como o país do futebol, mesmo após perdas no mesmo campeonato. Esta imagem foi elaborada, apropriada e reelaborada como instrumento de propaganda política de governantes no Brasil e no mundo, que através do êxito de suas seleções propagaram suas práticas governamentais, a hegemonia de sua nação, e criaram instrumentos de reelaboração de identidade nacional, conforme aponta os estudos de Livia Gonçalves Magalhães:

“O futebol foi diversas vezes utilizado como elemento de identificação nacional, muitas das quais de maneira sombria. A Copa do Mundo de 1934, por exemplo, realizada na Itália em pleno regime de Benito Mussolini, foi uma grande ferramenta nas mãos do líder fascista para impor suas idéias. Tampouco podemos esquecer os governos ditatoriais latino-americanos, que não hesitaram em associar seleção e Nação, assim como fez a Argentina do General Jorge Rafael Videla em 1978, ou o próprio Brasil do General Emílio Garrastazu Médici em 1970. Os exemplos não se esgotam nesses.” (MAGALHÃES, 2010, p. 10)

Além deste caráter de identificação nacional, apontado por Magalhães, as seleções de futebol têm sido utilizadas como instrumento de disputa política e ideológica, por exemplo, durante a Guerra Fria, no contexto de ditaduras, e no período neoliberal como instrumento de poder econômico de grupos empresariais na Guerra de capitais.

No Brasil, as ditaduras varguista, bem como o Regime Militar, se beneficiaram politicamente das conquistas feitas pela seleção brasileira de futebol, principalmente com a vitória na Copa do Mundo de 1970, durante o governo de Emílio Garrastazu Médici. Sabemos que na época ditatorial, muitos brasileiros exilaram-se, fugindo das perseguições políticas, prisões, torturas e assassinatos, cometidos em nome da “ordem” e da “Segurança Nacional”. A propaganda feita a partir do futebol serviu para ofuscar as práticas de violência contra os opositores políticos e as críticas ao autoritarismo vigente no país. Porém, é importante observarmos que não apenas os governos ditatoriais fizeram e fazem uso deste recurso a favor de seu poder, como afirma Magalhães (2010), com um exemplo do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira:

“Durante a Copa do Mundo na Suécia, substituí vários ministros e não houve uma única palavra a respeito nos jornais. Estou pensando em fazer novas mudanças no futuro próximo. Qual é a data da próxima Copa do Mundo?” Juscelino entendeu bem os benefícios que o futebol poderia trazer para o governo. (KUBITSCHKEK, *apud* MAGALHÃES, 2010, p. 61-62).

Com o advento da mídia televisionada e transmitida via satélite, a Copa do Mundo de Futebol, a partir de 1970, adquiriu o caráter de grande espetáculo esportivo mundial:

importante, imperdível e imprescindível. Durante o evento todas as atenções estão voltadas para ele. Como muito bem foi observado pelo ex-presidente Kubitschek, cria-se uma cortina de fumaça com o espetáculo, a tal ponto que a população não toma conhecimento das decisões políticas e econômicas que são tomadas no país. Reelabora-se a partir da mídia um sentimento de patriotismo, de ordem, e de contemplação às ações da seleção brasileira de futebol, bem como às ações dos representantes políticos do país.

Neste clima de euforia e ufanismo, parece não existir conflitos e desigualdades sociais; aparentemente todos são iguais quando vestem a camisa da seleção... São brasileiros, “com muito orgulho e com muito amor...”. Mas a realidade aponta para outra direção. A distribuição de rendas é uma das mais desiguais do planeta, destina-se grande parte do orçamento público para investimentos em segurança, para a proteção da propriedade a “manutenção da ordem”, enquanto ainda temos altos índices de analfabetismo.

Será que estamos fadados a sermos um país onde o analfabetismo político é motivo de orgulho? Por que a população aceita a imposição de propagandas e discussões sobre a copa, como o fez nesta última, sem questionar-se sobre a realidade social em que nos encontramos? Por que milhares de pessoas param para assistir na televisão entrevistas, notas sobre a vida pessoal dos jogadores, etc., e não paramos para estudar a situação político-econômica do Brasil?

A relação entre empresas patrocinadoras e mídia deve ser analisada neste novo momento do futebol mundial. Temos aí um rentável negócio, em que o “futebol arte”, esporte coletivo, cede lugar ao “futebol espetáculo televisivo”, individualizado e personificado em alguns jogadores com contratos milionários com empresas patrocinadoras. A propaganda tornou-se alma do futebol, que tudo vende, e os jogadores tornaram-se garotos propaganda de empresas.

Na copa de 2010 a mídia brasileira transformou a bola (Jabulani), com uma nova tecnologia desenvolvida pela *Adidas*, a personagem central da copa. Tornaram-na um ente com sentimentos e desejos. Abordaram o desempenho da bola de todos os ângulos possíveis, como o fazem com a economia e com o mercado financeiro (ora está agitado, tenso; ora está calmo).

Por outro lado, a mídia praticamente não abordou a situação de greve promovida pelos funcionários que faziam a segurança nos estádios que sediavam os jogos da copa. Será que fazer uma matéria abordando a situação dos trabalhadores ofuscaria o espetáculo? A copa deve ser um momento apenas de pão e circo? Parece que para a mídia, que ganha muito com as propagandas, este deve ser apenas um momento de entretenimento.

No Brasil, observa-se uma hegemonia da mídia sobre os esportes, com destaque para a Rede Globo de televisão. Sobre este tema merece análise o embate entre o técnico da seleção brasileira Carlos Caetano Bledorn Verri (Dunga) e o jornalismo da Rede Globo de televisão, que teve visibilidade durante uma entrevista coletiva da Copa 2010. Houve um desentendimento entre Alex Scobar (jornalista) e Dunga, durante a coletiva. Por trás deste embate, segundo informações coletadas na própria mídia, estava a negativa de Dunga em dar entrevistas exclusivas para a referida emissora. Os privilégios da Rede Globo não são recentes na história do país, ao contrário, construiu-se uma tradição de privilégios para este grupo, por isso, a recusa do técnico da seleção brasileira causou um mal estar tão grande entre membros da emissora.

Os meios de comunicação se utilizam do futebol para obter audiência e lucros, mesmo que isto seja a custas do quase esquecimento dos demais esportes. Isto pode ser percebido nos programas esportivos veiculados em rede nacional, nos quais raramente destacam outras modalidades esportivas. Exemplo disso foi a conquista da seleção brasileira de voleibol, no último mês de julho, do nono título da liga mundial de voleibol masculino. O evento foi pouco abordado pela mídia, pois mesmo que a Copa já tinha se encerrado todos os holofotes estavam ainda voltados para o futebol.

## E agora que a Copa não é mais nossa?

Guilherme Dotti Grandó<sup>25</sup>  
Marcos da Silva de Oliveira<sup>26</sup>

A seleção brasileira de futebol participa em 2010 de mais uma edição da copa do mundo de futebol organizada pela FIFA. Bandeiras são expostas nas fachadas das casas. Ruas são decoradas e locais públicos tornam-se ponto de encontro para a torcida reforçar o coro de apoio a uma seleção que representa toda uma nação.

É interessante notar o sentimento de “orgulho” que nos toma quando falamos na seleção de futebol. Orgulhamo-nos do penta campeonato mundial, da seleção de 1970, lamentamos o mundial de 1982, mesmo os mais jovens, que nem eram nascidos, lamentam a perda desse título, mas de uma forma ou de outra, ainda nos concebemos enquanto “o país do futebol”, mesmo que os inventores do futebol tenham sido os ingleses. Orgulhamo-nos de tantas conquistas, talentos, individuais e coletivos, porém, não temos tanto orgulho de nos considerarmos brasileiros quando pensamos os problemas sociais, econômicos e políticos. Os troféus dourados, expostos a quem quiser ver, nos inspiram e orgulham de ser brasileiros, mas esse sentimento logo se esvazia quando vemos refletido no dourado polido e lustroso dos canecos mundiais uma realidade de pobreza, corrupção e desemprego. O verde e amarelo desbotam frente a uma realidade social que nem de perto orgulha ou inspira.

O verde e o amarelo são cores presentes em quase todos os cenários durante a copa. Mas qual é o significado desse *verdeamarelismo* que pretende ser representativo da unidade de toda a nação? Segundo a filósofa Marilena Chauí, o *verdeamarelismo* foi inicialmente construído pelas elites agrárias do Brasil, como representação da riqueza agrária e mineral do território brasileiro. Essa elite, que expressa no verde e amarelo a “sua” riqueza, se considera o elo com a “civilização” europeia ocidental. No entanto, mesmo com o processo de industrialização e urbanização brasileira, no século XX, o *verdeamarelismo* resistiu como representante da nação. Se antes ele representava um elo de uma sociedade agrária com uma “civilização” europeia, agora o *verdeamarelismo* passa a incorporar a imagem de um povo que é “unido, ordeiro e trabalhador”, lutando por um progresso que chegará. Ao mesmo tempo em que admite um proletariado, que se contrapõe a burguesia, a simbologia do *verdeamarelismo* busca neutralizá-lo, quando reforça a idéia de união de um povo ordeiro que

---

<sup>25</sup> Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

<sup>26</sup> Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

<sup>26</sup> Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

trabalha em conjunto por um desenvolvimento futuro.

A sociedade nesta perspectiva é colocada como um plano sem contradições e conflitos entre classes. Contradições sociais são colocadas de lado por essa visão, e todas as diversidades de interesses parecem convergir com os interesses do Estado. Por mais que uma boa parte da população não concorde com algumas das decisões tomadas no âmbito do Estado, controlado por uma pequena elite, não nos fazemos presentes para questionar essas decisões. Um exemplo prático disso pode ser colocado nas eleições de representantes para o poder público. A população comparece as urnas, e vota em candidatos que deveriam representá-los, mas se depois de eleitos, esses candidatos passam a usar do aparato estatal para interesses privados - deixando de lado os interesses do coletivo que os colocou no poder – ocorre, que grande parte desses eleitores sequer toma conhecimento do ocorrido, e quando tomam conhecimento não tomam atitude. Assim as decisões políticas relevantes são feitas por estes políticos sem representar quem os elegeu e sim interesses particulares.

Quando se trata de torcer pela seleção de futebol se fortalece um sentimento de ser brasileiro entre as pessoas, mas, quando se trata de nos fazermos presentes nas decisões políticas do Brasil, delegamos esse direito, representativo do que é ser brasileiro - tanto quanto torcer -, a uma pequena elite de políticos, quase que formados desde o berço para governarem este país.

## A Copa na África do Sul

*Fagner Guglielmi Pereira*<sup>27</sup>  
*Lúcio Fellini Tazinaffo*<sup>28</sup>

A Copa do Mundo de 2010 está acontecendo na África do Sul, pela primeira vez num país do continente africano, trazendo à tona toda a história desse país, bem como os problemas políticos, econômicos e sociais que ele enfrenta. Prometendo gerar benefícios ao país sede da Copa, que perdurem além do tempo da realização desse evento, a FIFA propõem planos que pretendem fazer do futebol o remédio para todos os problemas por que passam os sul-africanos, como se os conflitos raciais, e as marcas de uma exploração intensa, realizada no passado por nações européias pudessem ser resolvidas de uma hora para outra.

Em 1948 instituiu-se a legislação do apartheid, que significa “separação” na língua africânder. Constituiu-se na legislação sul-africana a discriminação legal entre brancos e não-brancos (negros, mestiços e indianos). A partir de então, foram aprovadas leis que impunham um controle maior sobre os “não-brancos”. Como a Lei de 1952 que obrigava o uso de passaporte interno. A partir de meados da década de 50 é aprovada a lei que demarca os diferentes lugares permitidos para as populações branca e não-branca e a Education Act (que destina aos negros uma educação de qualidade inferior a dos brancos). Na atualidade os reflexos deixado pelo apartheid são visíveis. A população negra na África do Sul constitui a fração da população mais empobrecida do país. Os efeitos da segregação social instituída em 1948 são verificáveis a partir da realidade de vida dos sul-africanos nos dias atuais, onde uma parte minoritária da população foi privilegiada durante todo esse processo e hoje goza de situação econômica privilegiada.

Durante a Copa do Mundo a figura de Nelson Mandela foi insistentemente utilizada pela mídia como personagem fundamental, como marco do fim da segregação em meados da década de 90. Diante destas questões nos perguntamos: será que a separação entre o povo africano realmente acabou? A incisiva reprodução da imagem do líder africano, legitimada pelos meios de comunicação mundial, afirmam que as diferenças acabaram, mas a história nos mostra o oposto. Ex-colônia Inglesa a África do Sul passou por séculos de intensa exploração imperial de holandeses, franceses, alemães e ingleses. Durante esse tempo os sul-africanos que já eram divididos em tribos diferentes, passaram por inúmeras medidas que acirraram ainda mais a separação. O apartheid de 48 foi uma das medidas mais nefastas de todo esse

---

<sup>27</sup> Discente do 3º ano do curso de História da UNIOESTE.

<sup>28</sup> Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.



processo de exploração da África do Sul.

Como reflexo da exploração colonialista do passado temos o aumento dos ataques xenófobos na África do Sul. Os sul-africanos acusam os estrangeiros- vindos de países do continente africano, como Moçambique e Angola de inchar o mercado de trabalho e receberem benefícios sociais do governo, que são destinados aos sul-africanos. Com base nestas acusações têm ocorrido ataques violentos, por parte dos sul-africanos, contra os estrangeiros, trazendo pânico para o país.

Nos bastidores do principal campeonato de futebol do mundo, existe um forte investimento das principais marcas mundiais, os “parceiros” da FIFA: Adidas, Coca-Cola, Emirates, Hyundai/Kia, Sony e Visa. A copa do mundo, além de servir de propaganda para determinadas marcas mundiais, dissemina estilo de vida voltado para o mercado de consumo. A estratégia das grandes corporações que regem todo o processo financeiro do empreendedorismo da Copa é a divulgação de suas mercadorias. A indústria se apega em uma prática bastante popular, o futebol, como forma de “desafogar” sua produtividade, criando necessidades para os consumidores e disseminando “estilos de vida”.

A cada quatro anos a Copa do Mundo é sediada em um determinado lugar, esse evento envolve enormes gastos para o Estado, bem como grandes empreendimentos, como: construções de estádios, de hotéis e de aeroportos. Esse plano orçamentário atende diretamente as grandes empresas que se propõe a financiar a Copa no seu país sede, fazendo uso do dinheiro injetado neste evento para os seus próprios objetivos.

Com marcas tão profundas na sociedade sul-africana, fruto da exploração intensa por que passou a África do Sul nos últimos séculos, pode-se acreditar que uma simples Copa do Mundo irá trazer melhorias duradouras para esse povo? Não se trata de menosprezo de nossa parte, perante o assistencialismo imediato e temporário que a FIFA está oferecendo para o povo sul-africano, mas o fato de que essa “ajuda” é superficial e não traz soluções eficazes para os problemas sociais da África do sul, muito pelo contrário, evidencia ainda mais os intentos de exploração neste país.

## Futebol Contemporâneo, uma Indústria do Espetáculo

*Fabiola Waiss Farherr*<sup>29</sup>  
*Francieli Pinheiro*<sup>30</sup>

O futebol é sem dúvida o acontecimento que agita e movimenta grande parte da população brasileira, principalmente em ano de Copa do Mundo. Não é por acaso a fama internacional do Brasil como sendo o “*país do futebol*”. Esta afirmação oculta o caráter industrial e mercadológico, sendo seu principal produto jogadores treinados para serem campeões e por sua vez, aumentar as receitas de clubes não somente nacionais como internacionais, e também de marcas famosas que patrocinam equipes, como **Nike, Adidas e Coca Cola**.

A indústria futebolística conta com uma estrutura parecida com a de qualquer outra indústria. Neste sentido, possui “matéria prima”, que depois de lapidada e transformada pelos seus trabalhadores, irá resultar em algum produto rentável à sociedade capitalista, cada vez mais exigente. A “matéria prima” desta indústria, na maioria dos casos, são meninos com poucas oportunidades e com baixo poder aquisitivo, que possuem o sonho de um dia tornarem-se jogadores de futebol internacional, para enriquecer e poder ajudar a família. Para o empresário Alex Magalhães Zica “o interior da Bahia reúne características ideais para o surgimento de bons jogadores: *baixa instrução escolar, o clima quente e a forte miscigenação*”. (ZICA, apud FAVERO, 2009, p.82)

Encontrados estes meninos, o próximo passo, como diria Paulo Miranda Favero, é “criá-los em cativeiro”. O autor utiliza este conceito para explicar a prática muito recorrente nos clubes do Brasil em criar um “centro de formação de jogadores”, onde estes jovens são separados de suas famílias, da escola, e submetidos a viver sob constante isolamento, com uma carga horária de treinos que ultrapassam seus limites fisiológicos, como destaca Fabio jogador do Villa Nova, 17 anos: “Parei o estudo porque não dava pra conciliar com o futebol. Eu sinto muita falta da minha família, dos amigos. Eu pedi para o meu pai para ir embora, mas ele disse para eu segurar as pontas por aqui.”<sup>31</sup>

A finalidade destes centros de formação de jogadores criados pelos próprios clubes, como é o caso do São Paulo e do Palmeiras com a “cesta dos atletas”, é aumentar sua renda.

---

<sup>29</sup> Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

<sup>30</sup> Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.

<sup>31</sup> Reportagem com o garoto Fábio, 17 anos, jogador na época do Villa Nova, em Minas Gerais. A reportagem foi exibida pela rede de televisão Globo Minas, em fevereiro de 2008.

Este negócio é altamente lucrativo para os clubes, onde a venda de apenas um jogador pode custear todas as despesas com os centros de formação.

Na atualidade, um dos principais objetivos do futebol brasileiro, bem como da América do Sul, é a exportação de jogadores. A procura por jogadores brasileiros se explica por dois motivos: primeiro é a consequência do baixo custo com a preparação e a formação destes jogadores. Na Europa, por exemplo, o governo pressiona os clubes para que o esporte seja praticado paralelamente a formação escolar. No Brasil e nos demais países sul-americanos esta fiscalização não ocorre. O segundo elemento é a baixa cotação do atleta brasileiro e dos demais países sul-americanos. Um jogador famoso no Brasil pode ser comprado por aproximadamente U\$\$ 10 milhões, na Europa este preço é considerado baixo segundo FAVERO (2009, p. 96).

A preferência pelos jogadores brasileiros pode ser sintetizada na linguagem comercial como sendo um “produto bom e barato”. Só em 2007 o Brasil ganhou U\$\$ 233,18 milhões com a exportação de jogadores. O estado do Paraná no quesito exportação só deixa a desejar em comparação a São Paulo, que em 2007 mandou para o exterior uma média de 100 a 149 jogadores<sup>32</sup>.

Outro elemento fundamental que dá sustentação ao futebol enquanto indústria do espetáculo é a fusão entre clube e as empresas uma vez que “são parcerias que já duram algum tempo e que conseguiram bons resultados para ambas as partes. O Clube através de alavancagem de recursos; e as empresas detentoras das marcas através da maior promoção institucional, com impacto significativo sobre suas vendas”<sup>33</sup>.

As empresas não demoraram muito para perceber a força do apelo do esporte sobre as pessoas, onde se constroem imagens de jovialidade, saúde, e bem estar, associadas a prática esportiva. Nesse sentido, as empresas passam a vender ideais, na medida em que associam a imagem de suas mercadorias com saúde, através da prática de esportes.

A empresa Parmalat, de acordo com Francisco Neto, soube combinar muito bem esporte com a arte do negócio. Na copa de 1994, quando a seleção Brasileira enfrentava Holanda, Bebeto ao marcar o gol fez um gesto que ficou conhecido como “embala neném”, uma homenagem ao nascimento de seu filho na ocasião. A Parmalat muito ágil articulou o gesto do jogador a seu produto com o *jingle* “NASCE UM PAÍS CAMPEÃO, UM PAÍS

---

<sup>32</sup> Os dados são da Confederação Brasileira de Futebol e estão disponíveis no site <http://www.cbfnews.com.br>.

<sup>33</sup> NETO, Francisco Paulo de Melo. " Importância do marketing esportivo para os clubes". In: **Marketing Esportivo**, Cap.XVI. P.198.

FELIZ”, esse *jingle* fez um forte apelo ao público materno, afinal qual mamãe neste país iria deixar de amamentar seu filho com um produto saudável e digno de um campeão?

Enquanto o esporte continuar servindo aos interesses comerciais das empresas e suas respectivas marcas, bem como da mídia nacional e internacional, onde os clubes e os atletas concebem os campeonatos nacionais e mundiais como a oportunidade de ascensão profissional e oportunidade de um salário cada vez mais alto terão cada vez mais dificuldade de entendermos qual o real sentido dos torcedores fazerem inúmeros esforços e até sacrifícios para comprar a camisa oficial do time, que muitas vezes custa mais que o salário de um mês de trabalho da maior parte da juventude brasileira. Em contrapartida estes jovens torcedores recebem dos profissionais da indústria do esporte, alimento para seus sonhos, através das propagandas, de que um dia possuam fama e rendimentos milionários como seus ídolos de bola.

Resta-nos o desafio de revermos criticamente nossa relação com o futebol, para que o esporte volte a promover o desenvolvimento saudável do corpo, a interação cultural entre as populações e principalmente possa ser um instrumento para a superação da violência e rivalidade entre pessoas e países.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUI, Marilena. “O verdeamarelismo”. In: **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. Ed. Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2000.

FAVERO, Paulo Miranda. **Os donos do campo e donos da bola: alguns aspectos da globalização do futebol**. São Paulo, 2009. Trabalho de dissertação apresentado para a obtenção do título de mestre na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. 2ª ed. São Paulo, SP, Selo Negro, 2008.

<http://pt.fifa.com/worldcup/organisation/ticketing/media/newsid=1125732/index.html>

<http://www.ibge.gov.br/paisesat/main.php>

<http://www.cbfnews.com.br>.

NETO, Francisco Paulo de Melo, **Marketing Esportivo**. 4ª Ed - RJ: Record, 2007.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Histórias do Futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010. (Coleção Ensino & Memória, 1).

## ELEIÇÕES 2010<sup>34</sup>

### Lineamentos sobre o contexto que envolve o atual pleito à Presidência da República

*Profa. Ms. Maria José Castelano<sup>35</sup>*

Segundo Caccia Bava (Le Monde, 2010, p. 03), alguns especialistas em marketing eleitoral identificam a aprovação do Presidente da República como o fator mais importante em uma eleição, o segundo fator seria o contexto econômico e o terceiro é o programa de governo, ficando por último, a identificação partidária.

Além disso, para este autor, “hoje, todas as campanhas majoritárias, especialmente as que disputam a Presidência da República, utilizam pesquisas de opinião para orientar suas mensagens eleitorais.” Por isso, “os estilos e a linguagem dos comerciais dos diversos candidatos /.../ vão ficando mais parecidos a cada eleição” (id. *ibid.*,).

Faltando uma semana para as eleições, os principais candidatos à presidência não apresentaram, ainda, aos eleitores propostas claras que pretendem por em prática se forem eleitos. Na verdade, Marina e Dilma apenas protocolaram suas propostas de governo, recentemente, a qual a candidata Dilma somente nomeou de Diretrizes. Serra, até às vésperas da eleição, não havia protocolada sua plataforma de governo. (Folha de SP, 27/09/2010)

No entanto, independente destas fórmulas produzidas no calor das campanhas, processo de disputa com o objetivo de se conquistar o poder, alguns eixos da plataforma política dos candidatos foram delineados, nas últimas décadas, durante o governo de Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso e Lula, apesar das críticas atribuídas a estes governos, de caráter político, como sendo governos neoliberais.

Segundo estudo de Singer (2000, p. 165):

O eleitor decide seu voto a partir de predisposição de longo prazo e estímulo de curto prazo. Entre os estímulos de curto prazo, o desempenho econômico dos governantes costuma incidir com grande impacto sobre o sufrágio /.../ sobre as disposições de longo prazo, por sua vez, elementos como a renda, a escolaridade, a identificação ideológica, são naturalmente levados em consideração na literatura internacional.

---

<sup>34</sup> Mural produzido em Setembro/2010. Coordenação: Maria José Castelano. Estagiários: Guilherme Dotti Grando, Fabíola Waiss Farherr, Fagner Guglielmi Pereira, Lucas Blank Fano, Lúcio Fellini Tazinaffo e Marcos da Silva de Oliveira.

<sup>35</sup> Docente do curso de História da UNIOESTE.

Diante deste quadro, qual o contexto social, político e econômico que (de) marca as eleições neste pleito de 2010?

Na década de 1980, uma grande crise assolou o país atingindo duramente os trabalhadores. Os salários foram corroídos pela inflação, empobrecendo ainda mais as classes sociais historicamente menos favorecidas. Os ramos econômicos voltados para o mercado de consumo popular estagnaram-se. Em 1988, quase 30 % da população recebia menos de um salário mínimo e cerca de 12 milhões de pessoas não obtinha rendimento algum. Além disso, os investimentos estrangeiros diminuíram, sendo os recursos nacionais canalizados prioritariamente para a especulação e a produção destinada à exportação e ao consumo supérfluo das elites. (Sader, 1990, p. 72-3)

Na eleição ocorrida em 1989, dentre os eleitores que votaram para presidente, aproximadamente 70% não tinha o curso primário completo e cerca de 80% não lia os jornais habitualmente, demonstrando a ausência de condições mínimas de informação para o pleno exercício da cidadania. Assim, o monopólio de audiência exercido pela Rede Globo teve papel decisivo na eleição de Collor de Melo, que representava os interesses da direita, apesar do discurso de cunho popular.

Já em fins de 1992, “o brasileiro estava quase 6% mais pobre do que em 1980, o desemprego alcançava milhões, o produto nacional decrescera em vários pontos percentuais e o estado, estruturalmente privatizado e falido porque privatizado, estava despedaçado em confusões...” (Chasin, 1989, p.89).

O Plano Real trouxe a estabilização econômica e o controle da inflação, que propiciou a permanência de Fernando Henrique Cardoso no poder por duas gestões, entre 1995 a 2002, apesar do seu caráter “anti-populista”.

Quanto ao contexto que delinea as atuais eleições é preciso considerar os dois períodos de forte queda do nível de pobreza extrema, nos últimos quinze anos. O primeiro, entre 1993 e 1995, durante parte do mandato do então presidente Fernando Henrique Cardoso. A percentagem de brasileiros que viviam em extrema pobreza, em 1993, ano anterior ao Plano Real, era de 35,31%. O segundo período de recuo da situação de pobreza da população foi entre 2003 e 2006, no primeiro Governo Lula. O número de brasileiros que viviam na extrema pobreza caiu para 19,31%. Em 2006, ainda havia 36,2 milhões de brasileiros vivendo com até R\$125,00 por mês.

Assim, os programas desenvolvidos ou ampliados pelo governo Lula (como o Bolsa-Família), os investimentos em educação iniciados em Governos anteriores, o controle

inflacionário e expressiva ampliação de crédito contribuíram, de fato, para o avanço na luta contra a pobreza.

Para potencializar ainda mais esse cenário, em 2009, em meio à expansão da crise do mercado internacional, o governo de Lula incentivou a ampliação do consumo no mercado interno através de medidas como a redução de impostos e o aumento do emprego formal.

Os resultados dessa política econômica podem ser observados nos dados recentes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), reveladores que os brasileiros passaram a possuir, cada vez mais, bens essenciais à vida doméstica. Em 2009, as estimativas apontaram para a quase universalização de alguns itens, como o fogão (98,5% dos domicílios), a geladeira (93,9%) e a televisão (96%). Ampliou-se, também, o acesso a microcomputador e internet, com destaque ao número de domicílios com telefone (móvel ou fixo), que saltou de 19% para 84,9%.

O bom desempenho da economia brasileira e os programas de distribuição de renda elevaram o percentual de apoio ao governo Lula (várias pesquisas de opinião indicam aprovação de 80 % da atual gestão), sobretudo da população mais pobre e setores mais ricos, apesar do descontentamento da classe média. Além disso, Lula obteve significativa projeção internacional.

As alianças do governo federal com setores conservadores do PMDB e com parcelas da burguesia nacional (é preciso considerar que o BNDES tem financiado os investimentos privados), assim como a manutenção de parte da plataforma do Governo de Fernando H. Cardoso, têm sido alvo de críticas de parte da intelectualidade vinculada a esquerda. Essas práticas, entre outras, denominada “Lulismo”, são identificadas a partir do referencial teórico da analítica paulista de “populismo”. Lula, como “pai dos pobres”, projeta a candidatura de Dilma Rousseff e tenta fazê-la sua sucessora, como a futura “mãe dos pobres”.

Em artigo publicado, recentemente, no Jornal Folha de São Paulo, intitulado “A história e seus ardis - O lulismo posto à prova em 2010”, Singer afirma que Lula definiu a agenda desta eleição ao aliançar-se com o povo, no seu segundo mandato. O conceito de “populismo” erigido por intelectuais vinculados a analítica paulista para explicar período que marca nossa história como a *era Vargas*, que têm como característica separar os acontecimentos políticos dos seus determinantes econômicos, poderia explicar os acontecimentos do presente?

O populismo é um conceito explicativo criado sob a influência do politicismo. Segundo Chasin, “o politicismo brasileiro arma uma política avessa ou incapaz de levar em consideração os imperativos sociais e as determinantes econômicas. A política sendo a



administração do domínio de uns sobre os outros, mas sua apropriação pela perspectiva liberal a eleva como campo de resolução de todos os problemas.”

No quadro sociopolítico brasileiro, vitórias eleitorais e exercício regular de poder só têm sido possíveis na forma de conciliação de propósitos e da aliança de vetores políticos, no caso, a busca de intermediação entre os interesses dos setores populares e da burguesia nacional, com todas as contradições inerentes a esse propósito.

Chasin (1989, p. 116) analisando a necessidade de uma aliança nos partidos que se colocam a esquerda no pleito de 1989, afirma que tal aliança deveria objetivar a mudança do sistema de produção, na impossibilidade da superação do modo de produção. Esse seria o aspecto central do momento transitório primário na construção de uma plataforma cujos objetivos não deveriam se dar exclusivamente pelas necessidades cegas do capital, mas também considerar as necessidades humano-societárias organizada em torno do capital socialmente controlado.

Uma plataforma orientada para uma reordenação do sistema produtivo, deveria contemplar a produção para o consumo dos mais pobres. Tal aspecto, deslocaria assim, a tônica política, na medida em que o combate à miséria se torna o critério de governabilidade. A modernidade é identificada pela erradicação ou, pelo menos, à redução sistemática da miséria física, que implica o resgate também de dimensões espirituais (Chasin, 1993, p. 90).

Ou seja, a esquerda precisava naquele período de uma nova interpretação do Brasil – de sua evolução histórica, da natureza da sua formação social, do caráter da hegemonia dominante e dos blocos no poder- para estar em condições de ter uma estratégia própria. E hoje, qual é a tarefa daqueles que acreditam na possibilidade da superação da atual lógica societária?

Nas palavras de Chasin (1989, p. 121), “Quando a esquerda não rasga horizontes, nem infunde esperanças, a direita ocupa o espaço e draga as perspectivas: é então que a barbárie se transforma em tragédia cotidiana.”

## Reflexões sobre algumas propostas eleitorais

*Fabiola Waiss Faherr*<sup>36</sup>  
*Lucas Blank Fano*<sup>37</sup>

Em outubro, mais uma vez a população vai às urnas decidir “o futuro do Brasil”. O que há de novo nos projetos políticos defendidos pelos candidatos à presidência nestas eleições? Faremos algumas considerações sobre algumas propostas dos candidatos melhores posicionados nas pesquisas de opinião.

Diariamente somos bombardeados pelos telejornais com notícias acerca das eleições no país. Temos a impressão de estarmos sendo informado de tudo o que se passa nos bastidores, o que de fato não se confirma. Afinal, temos nove candidatos à presidência e a quantos a mídia dirige seus holofotes? A apenas quatro, sendo três deles porta vozes do modelo político, econômico e social que representam a continuidade, porque não revelam possibilidades de oposição efetiva, que sinalizasse com a ruptura do que está posto: a sociabilidade sob a lógica do capital, entendida aqui como uma relação social produzida historicamente a mais de duzentos anos. Quando os candidatos se voltam aos eleitores, sejam por meio de debates na televisão ou em bate-papos na web, as propostas, na maioria das vezes, dizem respeito a temas como saúde, segurança, educação e geração de empregos. A semelhança nas propostas não é mera coincidência.

Os candidatos que se apresentam como “mais experientes” ou “mais capazes”, em sua passagem pelo comando do Estado brasileiro, não utilizaram de toda a experiência para alavancar as reformas estruturais que pudessem ampliar a democratização, que permitiria a maioria da população brasileira, efetivamente, ter maior participação nos processos decisórios políticos e econômicos. Não se trata apenas de buscar uma reforma da política, “democratizar a política”, como alguns intelectuais vinculados à social-democracia têm proposto. As reformas de base exigidas pelos movimentos sociais pré-1964 ainda precisam ser retomadas: reforma política, reforma agrária, reforma da educação, além de tantas outras.

Os programas eleitorais dos candidatos Serra e Dilma, que atraíram maior atenção nos debates do primeiro turno, defendem a expansão das escolas técnicas de nível médio, amparadas no discurso de integrar mais rapidamente o jovem ao “mundo do trabalho”. O que, na avaliação dos candidatos, livrá-los-ia dos males da marginalidade e do consumo das drogas.

---

<sup>36</sup> Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

<sup>37</sup> Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.

A princípio a idéia é tentadora, afinal, qual jovem não quer ganhar seu próprio salário no final do mês para poder pagar a prestação de uma motocicleta e poder andar com o tênis da moda? Com certeza, todo jovem almeja a independência financeira. Mas os trabalhadores foram ou serão chamados para discutir tal proposta? Entendemos que esta proposta pode reafirmar a segregação do conhecimento presente na constituição da nossa sociedade. Não estamos negando aqui que todos os trabalhadores possuem conhecimento e capacidade intelectual. Mas a sociedade desigual em que vivemos, oriunda do sistema capitalista, inviabilizou processos revolucionários que permitiram conquistas de bandeiras democráticas erguidas no século XIX, e que não foram realizadas até hoje, como a democratização do acesso ao ensino em todos os níveis, a reforma agrária e a democracia social. A ampliação dos cursos técnicos é desejável, mas concordamos com o pensador italiano Gramsci, quando afirma que:

A tendência atual é a de abolir qualquer tipo de escola ‘desinteressada’ /.../ e ‘formativa’, ou de conservar apenas um seu reduzido exemplar, destinado a uma pequena elite de senhores e de mulheres que não devem pensar em preparar-se para um futuro profissional, bem como a de difundir cada vez mais as escolas profissionais especializadas, nas quais o destino do aluno e sua futura atividade são predeterminados. A crise terá uma solução que, racionalmente, deveria seguir esta linha: escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre de modo justo o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual.<sup>38</sup>

Pensar uma proposta em direção a uma escola única tem, por finalidade, a formação de seres humanos não apenas para desenvolver determinada especialização técnica e disciplina para o trabalho. Trata-se de buscar um processo educativo que permita também a formação intelectual dos trabalhadores, tornando possível sua participação mais democrática e não apenas como reprodutor da ideologia do capital e das relações atuais de trabalho capitalista. Em última análise, o Estado democrático deve garantir não apenas o acesso à Educação Básica de qualidade, mas garantir também o acesso à universidade pública a todos aqueles que assim desejarem, para que ela não seja um centro de excelência para formar os filhos das classes abastadas para gerir e administrar o sistema desigual no qual vivemos. O acesso a uma educação pública de qualidade será significativa quando as reformas atingirem, também, as relações sociais de trabalho. Para que aos trabalhadores não reste apenas a função

---

<sup>38</sup> GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais. Cadernos do Cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p.33, Vol. 02

de operar máquinas, apertar parafusos e participar como votante nos processos de eleição de tempos em tempos.

Já as propostas da candidata Marina Silva giram em torno, principalmente, da defesa do meio-ambiente. Marina quer implantar o que, segundo ela, seria a “economia do século XXI”, com o desenvolvimento sustentável. Um dos problemas enfrentados é que o partido da qual ela faz parte, o PV, não conseguiu alianças nacionais fortes que dariam apoio político e econômico à sua candidatura. Dessa forma, torna-se difícil para a candidata conseguir chegar ao segundo turno, segundo as atuais pesquisas. Além disso, a sua candidatura tem recebido maior adesão da classe média e de universitários, tendo dificuldades e poucos recursos para chegar às pessoas mais simples.

Embora a imprensa apresente os candidatos Marina, Serra, Dilma e Plínio como únicas opções possíveis, existem vários outros candidatos vinculados aos partidos ditos “nânicos”. Dentre estes podemos citar alguns que se colocam na esquerda, como PCO, PCB e PSTU que, mesmo com o tempo ínfimo na televisão, vem trazendo em seus programas propostas que caminham na contramão dos projetos políticos apresentados pelos candidatos do PT, PV e PSDB e suas coligações. Propostas como as do PSOL de estatizar empresas privadas, ou como as do PCO e do PSTU que visam reduzir a atual jornada de trabalho de 44 horas para 36 horas semanais, sem, no entanto, reduzir os salários, viria beneficiar a maior parte da população brasileira, que são pessoas com menos condições financeiras e com maiores sobrecargas de trabalho. No entanto, na atual conjuntura, essas propostas mais estruturais e contraditórias foram deixadas de lado no debate eleitoral. Um dos motivos é que as campanhas são financiadas privadamente. Os partidos com menos apoio político não tem o mesmo tempo, na TV e no Rádio, que os partidos que possuem maiores recursos.

Analisando as propostas e alianças políticas dos candidatos à presidência, concluímos que aqueles programas que afirmam continuar diminuindo a desigualdade e melhorando a situação de vida da população brasileira, sem rupturas políticas e econômicas, têm conseguido maior apoio político de parte significativa dos eleitores, sobretudo os de baixa renda e de pouca escolaridade. A contradição desse processo é que estas plataformas políticas também têm recebido apoio das classes mais privilegiadas, porque representam a continuidade do atual modelo social, que tem garantido altas taxas de lucros aos representantes do grande capital, isto é, dos interesses privados nacionais e internacionais.

## O uso da internet na campanha eleitoral de 2010

Lúcio Fellini Tazinaffo<sup>39</sup>  
Marcos da Silva de Oliveira<sup>40</sup>

A utilização da internet na atual campanha eleitoral tem conquistado novos adeptos. Diversos candidatos têm incorporado esta tecnologia na divulgação de suas campanhas. Tal fato levou o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) a estabelecer regras para o uso da internet pelos candidatos. Por meio de *blogs*, redes sociais e *sites* de mensagens instantâneas os candidatos podem estabelecer um contato mais próximo com os eleitores, fazendo propaganda de suas propostas, respondendo perguntas das pessoas e, até mesmo, arrecadando dinheiro dos eleitores. Mas porque a internet tem sido usada nas campanhas? Quais as conseqüências que o uso da internet pelos candidatos pode trazer aos eleitores e a própria campanha eleitoral?

Um dos fatores que pode estar influenciando os candidatos à exposição das suas campanhas neste meio é a ampliação do acesso à internet. A divulgação de dados obtidos pelo PNAD, em 2009, demonstra que cerca de 27,7% dos domicílios brasileiros dispunham de microcomputador com acesso à internet.

Outro fator a ser refletido é a experiência positiva do uso da internet na última eleição para presidente nos Estados Unidos, em 2008. O candidato pelo Partido Democrata, Barack Obama, inovou a disputa presidencial fazendo uso da internet para criar um vínculo com os eleitores: ele conversava com todos, na linguagem de cada grupo social (idosos, artistas, latinos, etc.). A prova do sucesso de Obama explicitou-se pelo valor das doações que os eleitores, sobretudo empresas, fizeram pelo seu *site* - cerca de US\$ 500 milhões - e, é claro, pela vitória presidencial. Esse feito tem inspirado os políticos brasileiros a utilizar de todas as ferramentas possíveis que a internet dispõe – *blogs*, redes sociais, *chat*, etc. - para obter contato com as pessoas.

Assim como a televisão e a imprensa foram um marco em termos de influência em 1989, quando ocorreu a primeira eleição direta para presidente, a internet se insere nesse cenário político como um mecanismo que pode influenciar os eleitores.

Levando em consideração o poder de influência da “Grande Mídia”, que em possui um posicionamento político, o seu uso, de alguma forma, pode distorcer notícias – criando idéias, pensamentos, posições – que não condizem com a realidade vivida e sentida tanto pelos candidatos, quanto pelos eleitores. Entretanto o eleitor não está sujeito somente a essa

---

<sup>39</sup> Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.

<sup>40</sup> Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

mídia, outros fatores influenciam em sua escolha, por exemplo: os amigos, familiares, identificações ideológico-partidárias, dentre outros.

Mas compreendemos que a consciência do jovem não é algo produzido apenas individualmente. O processo de conscientização inicia-se desde a infância, como reflexo da fração de sociedade civil da qual os indivíduos participam, das relações sociais tais como se aninham na família, na vizinhança, etc. (GRAMSCI, 2000, p. 44). Assim podemos inferir que os jovens, apesar da sua rebeldia com as gerações anteriores, adquirem a sua consciência a partir da sua inserção nas complexas relações sociais do tempo presente. Portanto, “a imprensa é parte mais dinâmica desta estrutura ideológica, mas não a única: tudo o que influi ou pode influir sobre a opinião pública, direta ou indiretamente, faz parte dessa estrutura.” (Id. *ibid.*, p. 78).

É essencial refletirmos sobre o fato de que a internet é um veículo de informação que, diferentemente das outras mídias, não é controlada por apenas algumas famílias. A internet pode se tornar um meio importante, nestas eleições, para os eleitores adquirirem informações relevantes sobre os candidatos?

Segundo reportagem da folha (Caderno Especial, p. 08, 26/09), a internet é uma arena aberta, cenário de *vale-tudo* na atual campanha eleitoral, pois o anonimato e publicação fácil tornam a rede canal de ofensas a rivais. Já uma campanha ofensiva na TV não é bem aceita pelo eleitorado. Por isso, os profissionais em marketing digital especializados em política arriscam mais suas táticas na internet do que nas mídias mais caras. Diferentemente de outras eleições, o eleitor tem a sua disposição algumas alternativas de obter, ou ampliar, as informações sobre o processo eleitoral de todo o Brasil. Entretanto, a maioria dos eleitores se encontra em “campo minado”, o qual a mídia bombardeia de todas as formas e tenta impor o seu domínio, ou seja, as suas preferências, buscando limitar o campo das escolhas de seu público.

A internet vem trazendo possibilidades tanto para os políticos quanto para os eleitores: de um lado os candidatos podem criar uma maior aproximação com os eleitores através das ferramentas que a internet oferece; por outro lado o eleitor pode pesquisar sobre os candidatos e ter acesso a informações que não estão sob o controle deles. De qualquer forma, a influência da internet nessas eleições só poderá ser analisada efetivamente após o seu término.

### **Eleições 2010: Nada de Novo no Front.**

*Fagner Guglielmi Pereira<sup>41</sup>  
Guilherme Dotti Grandó<sup>42</sup>*

A utilização de recursos midiáticos nos últimos tempos - seja para a campanha política de vereadores e prefeitos em um momento, seja para deputados, governadores, senadores e presidente em outro momento - significou a vanguarda para divulgar campanhas de diversos candidatos e partidos políticos no Brasil. Embora nestas eleições, o uso da internet tenha avançado consideravelmente, a televisão continua a ser o meio de comunicação preferido para os “embates” políticos. Segundo o Programa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) os dados da pesquisa de 2009 revelam a quase universalização do acesso a televisão. As estimativas apontam para presença da TV em cerca de 96% dos domicílios brasileiros. Tais dados revelam a imensa presença dos televisores nas casas dos brasileiros e, conseqüentemente, podem ajudar entender o porquê se investe tanto em propagandas eleitorais nas emissoras de televisão, visto que serão assistidas por um público imenso.

Nos dias 5, 6, 7 de Setembro, a Rede Globo de televisão priorizou três candidatos para os debates em rede nacional. Dilma Rousseff, José Serra e Marina Silva foram os três dos dez candidatos selecionados para essa empreitada. Embora as divergências conjunturais sejam explícitas nos debates, que mais parecem embates, os projetos políticos convergem no sentido de dar continuidade a um projeto que beneficia uma determinada fração da sociedade. Recentemente, temos visto neste tempo televisivo destinado a campanhas eleitorais, promessas e posicionamentos que tendem a ressaltar as debilidades da situação. Mesmo que o projeto político desses que tecem críticas (principalmente os três supracitados) seja uma continuidade de um (neo) liberalismo, apresentado sob o signo de “social democracia” (seja popular ou privatista). A tática do candidato José Serra vem sendo atacar a pessoa da candidata Dilma Rousseff. A opção de Marina Silva vem sendo enfatizar o embate entre os dois. Já a candidata Dilma Rousseff se escora no apoio e popularidade do atual presidente para divulgar sua imagem. Nesta toada, boa parte do tempo do debate serviu para explicações e especulações. Essa situação além de apontar para a dificuldade dos candidatos em definirem, com clareza, as suas propostas políticas, revelam que esse tempo de exposição na mídia é utilizado como tática para apresentarem as propostas de campanha que divergem apenas em conjunturas.

---

<sup>41</sup> Discente do 3º ano do curso de História da UNIOESTE.

<sup>42</sup> Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

É interessante notar que aqueles ideários de direita têm perdido espaço e tem se afirmado um discurso “progressista”, quase em coro monocórdio, da toada da social democracia. Apesar de todas as contradições dos últimos governos, da manutenção do modelo econômico pautado no esforço exportador da agroindústria e da captação de capitais com elevadas taxas de juros. A recente melhora ou ampliação de acesso a população brasileira das condições básicas de existência, como saúde, educação, habitação, bens de consumo duráveis e alimentação podem estar influenciando na mudança de tom das propostas dos candidatos mencionados. Após várias décadas milhares de brasileiros que foram duramente massacrados pelo “milagre econômico” tem conseguido sair das estatísticas de miseráveis sem, no entanto, haver qualquer sinalização para mudanças estruturais neste país.

Assim, as principais redes de televisão ao selecionar os candidatos que irão debater estão se posicionando em função de único projeto político, mesmo quando os candidatos se colocam como alternativas de oposição, ou seja, apesar de algumas diferenciações entre as propostas de campanhas, todos se colocam sob a perspectiva da sociabilidade do capital. Esse cenário ficou mais nítido, sobretudo, após o trágico fim das experiências pós-capitalistas e com o PT conquistando o poder político nas últimas eleições. A atuação desse partido, na última década, revela sua real compreensão da sociedade brasileira e, apesar das suas debilidades, tem colocada na agenda políticas sociais importantes que se iniciaram no governo anterior, com o Plano Real, que deu início ao controle inflacionário.

É evidente a utilização da TV para demonstrar o quanto um é mais competente que o outro para a presidência da República. A Candidata Dilma Rousseff utiliza esse espaço para divulgar sua campanha em torno da continuidade da gestão Lula. Questionada sobre o seu passado, em que atuou e fez militância na esquerda, num período duríssimo de nossa recente história, Dilma diz: “O Brasil mudou eu mudei”. Dilma renunciou assim o seu passado? É esta dúvida que a oposição quis explorar no início da campanha. Além disso, o Partido dos Trabalhadores fundado nos anos 1980 renunciou sua proposta de “democracia socialista” ao chegar ao poder nos dias atuais? As incisivas provocações vinculadas na internet e em rede nacional pelo candidato do PSDB, José Serra, demonstram a fragilidade de seu programa. Nada de novo nos é apresentado. O primeiro contenta-se com a continuidade. O segundo parece estar mais preocupado com seu adversário eleitoral do que com suas propostas. Sua tática de campanha tem sido afastar-se do Governo do PSDB, do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e se mostrar próximo de Lula. Outra estratégia é relacionar a quebra de sigilo da Receita Federal de membros do PSDB, de sua família e, recentemente, da Casa Civil a figura da ex-ministra, Dilma.



O tempo destinado para os candidatos são díspares. Dilma Rousseff leva vantagem em termos de tempo obtendo mais de dez minutos em cada bloco contra cerca de sete minutos do adversário Serra e pouco mais de um minuto de Marina Silva. Esses minutos são preciosos para a campanha, tendo em vista que mais de 30% dos televisores brasileiros estão ligados no *Jornal Nacional*, veiculado a Rede Globo de telecomunicações. Porém, a má utilização desse recurso pode refletir em impopularidade como resultado de uma tática equivocada. Um exemplo disso foi a tática inicial de campanha de José Serra, em que quanto mais se preocupa em falar mal de Dilma Rousseff, mais esta candidata avançou nas pesquisas eleitorais.

Deste modo, caminha para o fim mais uma campanha eleitoral. As estruturas continuam as mesmas, mantendo em uma zona confortabilíssima os candidatos a presidência, em que se eliminam as contradições, divisões e conflitos de classe. Mais uma vez nos é oferecido, de forma rasteira, uma única possibilidade de projeto social. Um grupo de candidatos, financiados por banqueiros, industriais, latifundiários compra um tempo privilegiado nos veículos de comunicação. Não se procura viabilizar nos debates uma reflexão que pautar a superação dos grandes problemas sociais. Para que o modelo burocrático atual continue, o uso da televisão tem exercido um papel fundamental. A proposta é nos apresentar um pouco mais do mesmo. O mesmo projeto social monopolista. O mesmo descompromisso com a realidade. Os mesmos métodos de tentar escamotear as contradições sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHASIN, José. A sucessão na crise e a crise na esquerda. IN: **Revista Ensaio**, São Paulo: Editora Ensaio, 1989, p. 1-122.

\_\_\_\_\_. **Brasil, a resistência ao neoliberalismo**. São Paulo: Ensaio, 1993

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, vol. II.

MENGARDO, Bárbara. O Futuro Será Verde?. In: **Caros Amigos**. Nº 50. SP: Setembro de 2010, p. 12.

SADER, Emir. A esquerda brasileira e seus enigmas: que estratégia para qual esquerda? IN: SADER, Emir. **A vingança da história**. São Paulo: Boitempo, 2003.

\_\_\_\_\_, Emir. A transição no Brasil. São Paulo: Atual, 1990, p. 72.

SINGER, André. **Esquerda e Direita no Eleitorado Brasileiro**: A identificação Ideológica nas Disputas Presidenciais no Eleitorado Brasileiro de 1989 e 1994. São Paulo: EDUSP, 2000.

<http://www.tse.gov.br/internet/index.html>

[http://hrcastro.wordpress.com/2007/09/26/brasil-registra-menor-indice-de-pobreza-dos-ultimos-15-anos/spot.com/2010/09/valor-economico\\_546.html](http://hrcastro.wordpress.com/2007/09/26/brasil-registra-menor-indice-de-pobreza-dos-ultimos-15-anos/spot.com/2010/09/valor-economico_546.html)

[http://ftp.ibge.gov.br/Indicadores\\_Sociais/Sintese\\_de\\_Indicadores\\_Sociais\\_2004/Tabelas/Resultados/](http://ftp.ibge.gov.br/Indicadores_Sociais/Sintese_de_Indicadores_Sociais_2004/Tabelas/Resultados/)

<http://www.votebrasil.com/noticia/politica/tse-define-regras-para-uso-da-internet-nas-eleicoes-2010>

[http://imasters.uol.com.br/artigo/10632/publicidade/obama\\_e\\_a\\_internet\\_o\\_casamento\\_perfeito/](http://imasters.uol.com.br/artigo/10632/publicidade/obama_e_a_internet_o_casamento_perfeito/)

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI135457-15223,00.html>

<http://diplomatieque.uol.com.br/editorial.php?edicao=38&PHPSESSID=0901c41e3d65413cf10cdba766b20f8d>

<http://diplomatieque.uol.com.br/editorial.php?edicao=36&PHPSESSID=7344ed5e82e51d5534f731688bd39468>

## GREVES NA EUROPA<sup>43</sup>

### Greves na Europa

*Prof. Dr. Fábio Ruela de Oliveira<sup>44</sup>*

“Na Europa como um todo, cresce a percepção popular nos seus países mais prósperos de que a União Européia é um pretexto para minar direitos sociais e trabalhistas – naqueles que mais claramente haviam se beneficiado da integração, os países menos ricos da periferia européia, o sonho subitamente acabou.” (Antonio Luiz M. C. Costa – revista *Carta Capital* n.º. 605, 21 de julho de 2010)

O que está acontecendo na Europa nas últimas semanas? Difícil entender aqui do Brasil, principalmente pela desinformação que toma conta de nossos grandes jornais impressos e televisivos. Nos telejornais abertos, por exemplo, mesmo aqueles das altas horas, observamos apenas 30 segundos de imagens das greves de trabalhadores na Europa, seguidas pelo comentário reacionário do jornalista, que sempre faz a manchete num posicionamento de denúncia dos respectivos movimentos sociais europeus, nas quais as palavras “caos” e “baderna” aparecem. Outras manchetes destacam o trabalho salvador da polícia na dispersão dos piquetes e manifestações.

Entretanto, leituras mais apuradas da revista *Carta Capital* (que considero a melhor revista semanal de opinião para se ler no Brasil hoje), dos links e sites das Centrais Sindicais Europeias, bem como de outros endereços alternativos da internet; nos mostram que as lutas desencadeadas na Europa nas últimas semanas se configuram na mais vigorosa manifestação anti-capitalista dos últimos tempos. Trata-se essencialmente da resistência dos trabalhadores aos projetos de reformas previdenciárias apresentados aos vários parlamentos europeus, de aumento da idade mínima para a aposentadoria dos trabalhadores. Infelizmente as notícias mais recentes já apontam a derrota parcial desses movimentos, pois no parlamento francês, por exemplo, essa reforma já foi aprovada, apesar da intensa movimentação dos trabalhadores

---

<sup>43</sup> Mural produzido em Outubro/2010. Coordenação: Fábio Ruela de Oliveira. Estagiários: Guilherme Dotti Grando, Fabíola Weiss Farherr, Fagner Guglielmi Pereira, Lucas Blank Fano, Lúcio Fellini Tazinaffo e Marcos da Silva de Oliveira.

<sup>44</sup> Docente do curso de História da UNIOESTE.

e estudantes franceses.

A mobilização europeia se manteve forte desde o último dia 29 de setembro, quando várias capitais europeias, tais quais, Lisboa, Bruxelas, Paris e Madri, entre outras, foram surpreendidas por uma greve geral que levou cerca de 60 a 80 mil trabalhadores às suas respectivas ruas. Além das reformas previdenciárias, essa movimentação na Europa apresenta ainda outros elementos desencadeadores, como a crise financeira mundial iniciada nos EUA em fins de 2008 e que agora parece atingir brutalmente o velho mundo, ou ainda as altas taxas de desemprego entre os países europeus, que oscilam entre os 10% e 15% de suas populações de trabalhadores. Para além das manifestações das periferias parisienses, ocorridas em anos anteriores e lideradas pelos jovens negros descendentes de imigrantes, essas atuais greves da Europa levaram as ruas os trabalhadores brancos e formais, o que significa que as contradições capitalistas também batem a porta das classes médias europeias. Trata-se conseqüentemente de um fenômeno histórico dos mais interessantes e curiosos da atualidade, mas que é ignorado do lado de cá do Atlântico.

Assim, na atual conjuntura, se faz necessário o impertinente trabalho dos historiadores, ou, o “de lembrar aquilo que os outros esquecem”, pois devemos recordar que as mesmas reformas que hoje são propostas aos trabalhadores europeus, também já foram aprovadas aqui no Brasil, durante o primeiro governo Lula e com o apoio das centrais sindicais brasileiras. Como aqui, as centrais sindicais europeias se constituem atualmente como braços aparelhados do estado vigente, entretanto, os últimos eventos no continente europeu mostraram que os movimentos de base literalmente atropelaram as direções das centrais. Contrariando suas lideranças os trabalhadores foram às ruas e fizeram piquetes em várias empresas, tais como as refinarias e distribuidoras de petróleo francesas, ocasionando a falta de combustível e levando suas populações a lotarem o sistema de metrô.

O correspondente da revista *Carta Capital* em Paris, Gianni Carta, nos informa que as estimativas da polícia e dos sindicatos franceses apontam que a greve geral de 12 de outubro reuniu cerca de 3,5 milhões de trabalhadores em toda a França, afetando vários setores como os de transportes urbanos, portos, aeroportos, escolas e hospitais. O jornalista ainda destaca a clareza dos jovens franceses na análise da reforma previdenciária, uma vez que os estudantes entendem que mais anos de trabalho significam menos empregos liberados para os atuais jovens.

Enquanto escrevemos essas garatujas chegam mais notícias indicando que os trabalhadores ingleses, com menos tradição de mobilização do que os franceses, também organizaram greves gerais nas últimas semanas e surpreenderam seus parlamentares.

A situação europeia é especial, e duas análises recentes podem também explicar essa conjuntura de greves, pois problematizam o cenário de esfacelamento da União Europeia e do Euro. A primeira delas é do cientista político José Luís Fiori, que em entrevista à revista *Caros Amigos* (Agosto/2010) afirma que a Europa está cada vez mais dividida e prevê o declínio da importância do velho continente e o aumento da sua dependência aos EUA. A segunda análise é do jornalista Antonio Luiz M. C. Costa, da revista *Carta Capital*, observando em julho passado, que “após décadas de concentração de renda e flexibilização do trabalho, os governos europeus ainda não perceberam que a tentativa de reeditar o mesmo ciclo (neoliberal, de encolher ao máximo o Estado de Bem-Estar Social e as garantias trabalhistas e concentrar o máximo de renda no setor privado) pode ser social e politicamente catastrófica.” De certa forma é essa reedição neoliberal que está ocorrendo na Europa, uma vez que, quando da crise de fins de 2008, a Alemanha, a economia mais vigorosa do continente, “lavou as mãos” para os problemas dos vizinhos e decretou que cada um encarasse a crise por si só, o que levou à interferência do FMI, que agora difunde sua cartilha entre os europeus. Ambas as análises destacam ainda o papel preponderante que a Alemanha começa a ter nessa conjuntura e não descartam cenários catastróficos. De acordo com Costa, Fidel Castro voltou à ativa e reuniu-se com economistas cubanos, pedindo para que eles se dedicassem a estudar as possíveis opções da América Latina em caso de guerra nuclear. Segundo Antonio Costa a preocupação de Fidel “talvez seja prematura, mas está longe de ser demência senil.”

Deste modo, é possível afirmar que os desdobramentos da Europa atual já constituem a gênese de uma situação que ainda pode piorar. Além disso, mesmo sendo uma luta das mais dignas, não podemos esquecer que esse enfrentamento dos trabalhadores europeus não se trata de uma luta por novos direitos, mas sim uma luta melancólica, para manter uma série de direitos e benefícios conquistados historicamente. Portanto, não podemos olhar só o olho da Band, mas continuar de olho no que anda ocorrendo nas ruas europeias.

## **Espanha em 29 de setembro de 2010**

*Fabiola Waiss Farherr<sup>45</sup>  
Marcos da Silva de Oliveira<sup>46</sup>*

Sem dúvida o dia 29 de setembro de 2010 foi uma data para ficar na história da luta sindical da população espanhola, cerca de 10 milhões de trabalhadores foram às ruas na Espanha em greve geral, pedindo o fim das reformas que estão sendo implantadas pelo governo espanhol, como também pelo bloco econômico União Européia (UE) em parceria com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Sob alegação de rombo no orçamento público, o governo espanhol como demais países que compõe a União Européia, vem defendendo reformas como a trabalhista e a da previdência, que visam o corte de verbas para serviços públicos como saúde, educação, moradia e demais áreas.

A população vem sentindo na pele as conseqüências destes cortes no orçamento público, uma vez que 38% de investimentos em educação e saúde já foram retirados, cortes salariais nas empresas públicas e demissões têm sido recorrentes na Espanha, aumentando assim a violência e a miséria entre os mais pobres.

Estas reformas se fazem necessárias nos países capitalistas devido ao fato de este ser um sistema econômico no qual são recorrentes as crises, que conseqüentemente levam o Estado a investir dinheiro público em empresas privadas. Esta é a situação que vem ocorrendo na Europa. Quando a crise de 2008 começou nos Estados Unidos, os governos europeus investiram muito dinheiro público nos bancos privados para não quebrarem e colocar a economia em recessão. Após dois anos do início da crise dos EUA, a população européia começa a pagar pela mesma, na medida em que o Estado, para poder continuar pagando sua dívida pública com os bancos internacionais, instala reformas que atacam os direitos históricos conquistados pelos movimentos sociais e de trabalhadores. À exemplo desses ataques podemos citar alguns, como: a Reforma da previdência e a Reforma trabalhista.

Embora a palavra reforma pareça interessante e até mesmo soe como mudança para algo melhor, a experiência com a implementação destas tais reformas conduzem a outros resultados. A chamada reforma da previdência tem o real objetivo de aumentar a idade mínima para se aposentar, fazendo deste modo com que as pessoas trabalhem muito mais e recebam seu benefício muito mais tarde. Desta maneira os bancos aumentam seus lucros com

---

<sup>45</sup> Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

<sup>46</sup> Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

a venda de pacotes de previdência privada. Assim, os trabalhadores que podem pagar por essa previdência adquirem o benefício, entretanto, não é esta a realidade da maioria.

Já a reforma trabalhista tenta subtrair direitos históricos conquistados pelos trabalhadores europeus e retira ainda outros benefícios, como: o décimo terceiro salário, o seguro de vida e propõe diminuir o trabalho formal introduzindo a terceirização. A reforma tira qualquer obrigação do empregador em relação ao empregado, o que faz com que seus lucros aumentem e o empregado para além de empobrecer cada vez mais, adquire o que muitas vezes convencionou-se chamar de doenças do trabalho.

Os trabalhadores das mais diversas categorias como podemos perceber travam uma batalha acirrada com o governo. Sendo que mesmo com a greve geral do último dia 29 de setembro, o governo já declarou que não voltará atrás na medida de cortes no orçamento da nação. O balanço que as entidades fazem da greve geral é positivo, pois embora ainda não se tenha barrado as medidas deste governo houve um avanço na organização sindical. Mesmo com as principais centrais sindicais, como a *Comisiones Obreras* (CCOO) e a *Unión General dos Trabajadores* (UGT) estarem chamando e defendendo uma política de conciliação entre os interesses dos trabalhadores e os do capital, os sindicatos se mostraram combativos formando blocos alternativos que estão na organização das próximas mobilizações.

A lição que podemos tirar do desfecho deste dia 29 de setembro espanhol, é que somente com a articulação entre os trabalhadores será possível enfrentar esta onda de ataques aos direitos conquistados como já dissemos anteriormente. Nesse sentido não acreditamos que a Europa esteja caminhando para uma revolução social, pois a questão principal ainda é barrar as reformas. Entretanto, a participação da população nas greves e nos protestos foi maciça e não ficaria assim descartado que no decorrer do processo, surja uma possibilidade de revolução social. Porém, só o tempo poderá nos confirmar se a Europa está diante de uma reforma ou de uma revolução.

### **Grécia: a democracia em conflito.**

*Guilherme Dotti Grandó<sup>47</sup>  
Lúcio Fellini Tazinaffo<sup>48</sup>*

No final da primeira década do século XXI observamos um contexto de grandes crises econômicas e também sociais, decorrentes, em grande medida, de condições que são bastante anteriores a este final de década. O que se apresenta é uma crise estrutural de um modelo econômico e social oriundo das relações capitalistas. Nesse sentido percebemos crises esporádicas em regiões diferentes do planeta, mas que estão conectadas num problema comum, o sistema capitalista, e que, portanto, não devem ser estudadas como crises isoladas, caso pretenda-se encontrar uma solução definitiva. Assim a crise financeira que estourou na Grécia em maio deste ano remete à crise nos EUA que ocorreu no ano de 2008, que de início não pareceu ser tão grave, mas que agora atinge brutalmente a Europa e nos revela que o problema tem sua origem nas relações capitalistas que regem o mundo.

A crise mundial de 2008 diminuiu a arrecadação de impostos na Grécia. Empresas começaram a quebrar, o desemprego aumentou e o consumo diminuiu, obrigando o país a realizar empréstimos. No último ano, a dívida grega tornou-se maior do que seu próprio PIB (Produto Interno Bruto, a soma de todas as riquezas produzidas no país), ou seja, o que o país produziu de riquezas foi inferior ao valor de sua dívida. Seria o mesmo que uma pessoa comum realizar um empréstimo para fazer determinado investimento, dizendo que dentro de um período de tempo esse investimento iria render tanto de lucro, no entanto, após esse tempo, esse investimento não produziu valor suficiente nem para pagar o empréstimo inicial. Mais ou menos nesses termos se configurou a situação da Grécia. O governo grego realizou empréstimos a títulos de dívidas públicas, garantindo a esses investidores que produziria uma quantia em riqueza. Como no exemplo anterior, o que foi produzido com esse investimento não foi nem sequer suficiente para ressarcir os detentores dos títulos da dívida pública, gerando um grande clima de desconfiança. Os números dão cores ao caso grego. Em 2009 o país acumulou uma dívida de R\$ 704 bilhões (300 bilhões de euros), enquanto o valor do PIB, no mesmo ano, não chegou nem a R\$ 600 bilhões (255,3 bilhões de euros).

Preocupados com a estabilidade econômica da Grécia, o FMI (Fundo Monetário Internacional) e a UE (União Européia), organizaram um grande pacote de medidas econômicas aos gregos. Cerca de 112 bilhões de euros, que serão destinados a conter a crise e

---

<sup>47</sup> Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

<sup>48</sup> Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.



“salvar” a economia grega. Quem, no entanto, pagará pelo pacote que salvará as grandes empresas, serão, a duras custas, os trabalhadores que terão de arcar com aumentos dos tributos de combustíveis, álcool e tabaco. Somam-se ainda outros elementos, como o congelamento dos salários dos funcionários públicos até 2014, a reforma previdenciária que adiaria para mais três anos a aposentadoria dos trabalhadores gregos, e que estipularia o valor da aposentadoria não mais pelo valor dos últimos meses de trabalho, mas pelo salário médio durante a carreira. Mesmo assim, como apontam os críticos, tais medidas não seriam eficientes, pois a Grécia, mesmo com a ajuda do FMI e da UE, teria de obter abatimentos de 30 a 50% da negociação das dívidas públicas.

Trágico contexto que esboça a contradição de um sistema de relações desiguais. Para salvar os gigantes da economia, quem terá de sofrer perdas, econômicas e sociais, serão os trabalhadores. Revoltados com a situação, a população foi às ruas protestar. Estudantes saíram às ruas, invadiram lojas, vandalizaram bancos e enfrentaram policiais com pedras e garrafas. No berço da “democracia”, tão exaltada hoje pelos adeptos do liberalismo econômico desenfreado, é de se surpreender que, mesmo com a desaprovação popular das medidas econômicas (68% dos gregos desaprovavam os sacrifícios do governo para pagar a dívida), o governo grego, liberal e “democrático”, pretenda botar em prática de forma autoritária essas medidas de recuperação econômica das grandes empresas.

Diante dessa crise estrutural que apresenta contornos claros em casos como o da Grécia, pouco se comenta na mídia sobre essas contradições. Menos ainda se fala dos pesados fardos que os trabalhadores gregos terão de carregar para “salvar” a economia do país. Como se já não fosse suficiente o descaso com estes trabalhadores gregos, observamos na mídia brasileira, uma tendência de ridicularizar os movimentos sociais, os trabalhadores não teriam nem sequer o direito de ir às ruas protestarem quando o Estado se coloca claramente contra os seus interesses.

## Luta de Classes na França

*Fagner Guglielmi Pereira*<sup>49</sup>  
*Lucas Blank Fano*<sup>50</sup>

Recentemente as manifestações de estudantes e trabalhadores de vários segmentos vêm tomando conta da Europa. Essas manifestações são reflexos de mais uma das crises do sistema vigente. Porém, essa crise tem raízes mais profundas do que imaginamos. Uma delas foi a invenção do EURO. A tentativa de unificar as principais economias da Europa em 2002 deu suporte necessário para o *boom* econômico em países cuja economia é mais fraca. Desde a invenção do EURO, a Alemanha cobria dívidas de 16 países, fixando os juros baseado em suas atividades econômicas. A desproporcionalidade entre a economia alemã comparada aos outros países participantes da eurozona favoreceu o enfraquecimento da moeda. A Alemanha, como principal economia exportadora do ocidente, ficou com o bônus. Entretanto, o ônus dividiu-se entre as economias menos privilegiadas. A recessão, o desemprego, os ataques xenófobos principalmente pela direita nacional, resultou em uma frente de resistência que se alastrou pela Europa nos últimos meses. A emergência da Alemanha no cenário econômico europeu nos últimos anos tem forte conexão com a recessão e os desempregos nos demais países europeus.

Um dos principais atingidos por essa desastrosa tentativa de unificação da economia foi a França. No dia 12 de outubro, entre 1,2 e 3,5 milhões de franceses saíram às ruas. Diferentemente da revista VEJA que simplificou de maneira equivocada e maliciosa a adesão popular como “a mania histórica que os franceses têm de sair às ruas”, os efeitos das crises do capitalismo geram conseqüências catastróficas, principalmente na camada mais baixa da divisão de classes. A luta de classes na França significa a insatisfação dos trabalhadores com a recessão econômica, e com as medidas tomadas pelo presidente Nicolas Sarkozy no que diz respeito à reforma previdenciária do país. A reforma previdenciária mais do que um conceito frio, significa antes de tudo, o aumento da idade mínima de aposentadoria de 60 para 62 anos, a aposentadoria integral passará de 65 para 67 anos. Nesta toada, o tempo de trabalho aumentará de 40 para 41,5 anos. Os mais afetados pela imposição do senado francês serão os trabalhadores. O senado passou por cima do apelo popular e aprovou o artigo 6º do projeto de lei sobre a reforma da previdência. Segundo Sarkozy, “a expectativa de vida aumentou, portanto todos devem trabalhar mais”. Nos últimos anos, a racionalização e a intensidade do

---

<sup>49</sup> Discente do 3º ano do curso de História da UNIOESTE.

<sup>50</sup> Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.

trabalho proporcionaram índices de produções altíssimos: se produz atualmente cinco ou seis vezes mais do que há três décadas. O colapso gerado pelas crises que assolam a economia dos grandes investidores do capital repercute devastadoramente na vida dos trabalhadores, que não tem a possibilidade de participação na deliberação e aprovação destes artigos.

A aceitação popular às manifestações foi significativa. Cerca de 70% da população francesa apóia as greves. Isso se deve à atitude anti-popular do presidente Sarkozy no que se refere a seu autoritarismo. A imposição da reforma previdenciária, vinda “de cima para baixo”, ocasionou insatisfação por grande parte dos franceses e desgaste da figura de Sarkozy.

Atualmente, a França enfrenta uma elevada taxa de desemprego, que está na faixa de 10%. Os habitantes que trabalham ou poderiam trabalhar são de aproximadamente 27,6 milhões de pessoas, ou seja, 10% de desempregados representam 2,76 milhões de pessoas, é um número bastante alto. Se a reforma da previdência for colocada em prática, esse contingente de desempregados irá aumentar, pois as pessoas mais velhas vão trabalhar mais e, conseqüentemente, irão ocupar o lugar dos jovens no mercado de trabalho.

As manifestações na França mobilizaram trabalhadores e estudantes em prol dos direitos socialmente conquistados. A tentativa de Sarkozy infelizmente foi aprovada e a perda parcial destes direitos refletirá principalmente na camada menos privilegiada da população. A luta de classes na França transparece, no entanto, a contradição do sistema capitalista. De um lado a camada dominante da sociedade em crise tenta resolver seus problemas às custas dos trabalhadores. No outro, os trabalhadores resistem para garantir seus direitos.

Contudo, a exemplo de outros países da Europa, tais como Grécia e Espanha, a França passa por um momento delicado em sua economia, influenciada pela crise do sistema capitalista que assola a Europa. No entanto, o ônus da recessão, ao que parece, recairá mais uma vez sobre os trabalhadores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARTA, Gianni. Os trabalhadores VS. Sarkozy. (pp.58-59) In: **Carta Capital** n°. 618, de 20 de outubro de 2010.

COSTA, Antonio Luiz M.C. Planeta terra em transe. (pp.34-37) In: **Carta Capital** n°. 605, de 21 de julho de 2010.

\_\_\_\_\_. *Decifra-me ou...*(pp.54-56) In: **Carta Capital**, n°.595, de 12/05/2010.

<http://www.cartacapital.com.br/internacional/os-trabalhadores-vs-sarkozy>

[http://www.ambafrance-br.org/france\\_bresil/spip.php?article415](http://www.ambafrance-br.org/france_bresil/spip.php?article415)

<http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/a-mania-historica-dos-franceses-de-ir-as-ruas-protestar>

<http://noticias.r7.com/economia/noticias/grecia-vive-4-greve-geral-contra-medidas-para-obter-ajuda-20100520.html>

<http://noticias.r7.com/economia/noticias/grecia-enfrenta-nova-greve-de-trabalhadores-insatisfeitos-com-a-crise-entenda-problemas-do-pais-20100505.html>

[http://carosamigos.terra.com.br/index\\_site.php?pag=revista&id=146&iditens=725](http://carosamigos.terra.com.br/index_site.php?pag=revista&id=146&iditens=725)

[www.conlutas.org.br](http://www.conlutas.org.br)